



**ISPA**

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**“Prevalência de abusos sexuais de  
crianças na população portuguesa”**

Patrícia Alexandra Pais Carsane

Orientador da Dissertação:

PROF. DOUTOR JOSÉ HENRIQUE PINHEIRO ORNELAS

Professor de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTOR JOSÉ HENRIQUE PINHEIRO ORNELAS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2018

Dissertação de Mestrado realizada  
sob a orientação do Prof. Doutor José  
Henrique Pinheiro Ornela  
apresentada no ISPA – Instituto  
Universitário para obtenção do grau  
de Mestre na especialidade de  
Psicologia Clínica.

**Agradecimentos:**

Finalizando esta etapa do meu percurso académico quero mostrar o meu agradecimento a todos aqueles que me acompanharam durante este tempo, que me ajudaram, que me apoiaram, que me incentivaram. Este foi um percurso cheio de transformações a todos os níveis.

Quero começar a agradecer à minha família, especialmente aos meus pais e à minha irmã, pela paciência que tiveram comigo, por terem sempre acreditado em mim e principalmente por todos os valores que me passaram, por todo o carinho e amor que me deram e por me fazerem acreditar que tudo é possível, que só temos de acreditar em nós próprios.

Aos meus amigos, aqueles que já vinham comigo e aqueles que criem durante esta etapa. Quero agradecer-vos por me ajudarem em tudo o que precisei, pela paciência que tiveram comigo e por me terem dado sempre um sorriso e força quando me deparava com algum obstáculo.

Ao professor José Ornelas, por me ter recebido tão bem, por todo a sua dedicação, pela disponibilidade em ajudar e por toda a sabedoria que transmitiu.

Ao ISPA, por me ter recebido e acolhido tão bem e por todas as ferramentas e conhecimentos que aqui pude adquirir.

Não posso também deixar de agradecer aos participantes destes estudo, pois sem eles este estudo não se teria realizado, mas sobretudo pela coragem que tiveram em partilhar a sua experiência dolorosa.

Quero terminar por agradecer mais uma vez a todos os que mencionei, e também aqueles que aqui não consegui mencionar, mas que sabem quem são, por me terem acompanhado nesta etapa da minha vida, por me terem ajudado a aprender cada vez mais e a evoluir tanto a nível académico, como a nível pessoal.

Um grande obrigada a todos por terem partilhado este momento comigo!

**Resumo:**

O presente estudo tem como objetivo estudar a prevalência de abusos sexuais de crianças na população portuguesa.

O estudo conta com 135 participantes, com uma idade compreendida entre os 18 e os 25 anos.

Os participantes preencheram o questionário demográfico e o “Childhood Sexual Experiences Questionnaire” (CSQE) de Altman (2005).

Os resultados obtidos demonstram uma prevalência de abusos sexual de crianças de 23%. A taxa de prevalência no género feminino (19,3%) foi superior à taxa de prevalência no género masculino (3,7%). A idade de ocorrência do abuso varia entre os 5 e os 10 anos, sendo a idade média de 8,94 anos. Em relação à idade de fim do abuso, a média de idades é de 10,19 anos. Relativamente à idade do agressor, esta varia entre os 10 e os 68 anos, sendo a média de idades de 27,3 anos. Ao nível da ligação da criança com o agressor, uma percentagem de 48,4% dos agressores eram conhecidos pela criança. Constatou-se também que as situações sexuais mais identificadas foram: “Ser apalpado por cima da roupa” (94%) e “Alguém lhe mostrar os genitais” (74,2%).

**Palavras-chave:** Abusos sexuais de crianças; Prevalência; Portugal

**Abstract:**

The present study aims to study the prevalence of childhood sexual abuse in the portuguese population.

The study has 135 participants, with an age between 18 and 25 years.

The participants filled out demographic questionnaire and the “Childhood Sexual Experiences Questionnaire” (CSQE) de Altman (2005).

The results show a prevalence of childhood sexual abuse of 23%. The prevalence rate in females (19,3%) was higher than the prevalence in males (3,7%). The age of occurrence of abuse varies between 5 and 10 years, with the average age of 8,94 years. In relation to the age of the end of the abuse, the average age of 10,19 years. Regarding the age of the perpetrator, this varies between 10 and 68 years, and the average of age is 27,3 years. At the level of connection of the child with the aggressor, a percentage of 48,4% of the aggressors were known by the child. It was also noted that the more sexual situations identified were “Be palpated above the clothes” (94%) and “Someone show the genitals” (74,2%).

Key-words: Childhood sexual abuse; Prevalence; Portugal

## Índice:

|  |    |
|--|----|
| Introdução:.....   | 11 |
| 1. Enquadramento teórico: .....  | 13 |
| 1.1. Conceito – Abusos sexuais de crianças:.....                               | 13 |
| 1.2. Caraterísticas do abusos sexuais de crianças:.....                        | 15 |
| 1.2.1. Género da criança: .....  | 15 |
| 1.2.2. Idade da ocorrência do abuso: .....                                     | 16 |
| 1.2.3. Relação da criança com o agressor:.....                                 | 17 |
| 1.2.4. Género e idade do agressor: .....                                       | 17 |
| 1.2.5. Tipos de abuso sexual: .....  | 18 |
| 1.3. Consequências do abusos sexuais de crianças:.....                         | 19 |
| 1.4. Estudos sobre a prevalência de abusos sexuais de crianças no Mundo: ..... | 21 |
| 1.5. Mitos associados ao abusos sexuais de crianças: .....                     | 27 |
| 1.6. Objeto de estudo e questões de investigação:.....                         | 30 |
| 2. Método: .....   | 30 |
| 2.1. Participantes: .....  | 30 |
| 2.2. Instrumento:.....   | 31 |
| 2.3. Procedimento:.....  | 32 |
| 3. Resultados: .....   | 33 |
| 3.1. Apresentação dos resultados: .....  | 33 |
| 3.1.1. Apresentação dos dados demográficos: .....                              | 33 |
| 3.1.2. Taxa de prevalência de abusos sexuais de crianças:.....                 | 37 |
| 3.1.3. Ligação da criança com o agressor: .....                                | 38 |
| 3.1.5. Idade de ocorrência do abuso e idade de término do abuso: .....         | 41 |
| 3.1.6. Idade do agressor:.....   | 41 |
| 3.2. Análise dos resultados:.....  | 41 |
| 3.2.1. Taxa de prevalência de abusos sexual de crianças: .....                 | 41 |
| 3.2.2. Ligação da criança com o agressor: .....                                | 44 |
| 3.2.3. Situações de abuso sexual: .....  | 45 |
| 3.2.4. Idade da ocorrência do abuso e idade de término do abuso: .....         | 45 |
| 3.2.5. Idade do agressor: .....  | 46 |
| 4. Discussão:.....   | 46 |
| 5. Referências Bibliográficas: .....   | 49 |

6. Anexos..... 52

**Lista de Figuras:**

|  |    |
|--|----|
| Figura 1: Caraterização dos participantes da investigação em termos da sua distribuição quanto ao género.....                | 23 |
| Figura 2: Caraterização dos participantes da investigação em termos da sua distribuição face à idade.....                    | 24 |
| Figura 3: Caraterização dos participantes da investigação em termos da sua distribuição face ao estado civil .....           | 25 |
| Figura 4: Caraterização dos participantes da investigação em termos da sua distribuição face às habilitações académicas..... | 25 |
| Figura 5: Caraterização dos participantes da investigação em termos da sua distribuição face à Naturalidade.....             | 26 |
| Figura 6: Prevalência de abusos sexuais de crianças em relação ao género.....  | 27 |

**Lista de Tabelas:**

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1: Estudos de prevalência de abusos sexuais de crianças no Mundo.....   | 11 |
| Tabela 2: Síntese de Mitos vs Realidade do abusos sexuais de crianças.....   | 19 |
| Tabela 3: Ligação da criança com o agressor.....   | 28 |
| Tabela 4: Ligação da criança com o agressor, dividido pelas categorias: “Familiar” e “Não Familiar”.....                                   | 29 |
| Tabela 5: Ligação da criança ao agressor, dividido pelas categorias: “Estranho”, “Conhecido” e “Familiar”.....                             | 29 |
| Tabela 6: Percentagens de resposta por questão.....  | 30 |
| Tabela 7: Taxas de prevalência de abusos sexual de crianças na presente investigação e em investigações realizadas em diversos países..... | 32 |

**Lista de anexos:**

|   |    |
|---|----|
| Anexo A: Consentimento informado.....   | 43 |
| Anexo B: Questionário Demográfico.....  | 44 |
| Anexo C: Questionário de situações sexuais infantis – Tradução do Childhood Sexual Experiences<br>Questionnaire, Altman (2005)..... | 45 |

## **Introdução:**

Atualmente os abusos sexuais de crianças, constituem-se como um tema de grande enfoque tanto a nível nacional, como a nível internacional, em diferentes áreas. Desta forma, os abusos sexuais de crianças, são um problema decorrente em todas as sociedades e culturas, sendo um fenómeno complexo a nível Mundial.

Foi na década 70 que o tema dos abusos sexuais de crianças começou a ser relevante para os profissionais da área de saúde, nomeadamente para os profissionais que trabalhavam com crianças (Finkelhor, 1986).

Desde esta altura, diversas investigações em todo o Mundo tem estudado a prevalência dos abusos sexuais de crianças, porém torna-se difícil a determinação da real prevalência dos abusos sexuais de crianças por diversas razões. Por exemplo, o fato dos abusos sexuais de crianças incluir diversos atos, que vão desde atos com menos contato, como o mostrar os órgãos à criança, até atos com maior contato, como as carícias, o toque, a penetração. O que também pode tornar difícil encontrar a real taxa de prevalência dos abusos sexuais de crianças é o fato dos abusos sexuais de crianças serem um “acontecimento secreto”, isto é, a maior parte das crianças abusadas não revelam o abuso, o que faz com que seja impossível obter-se dados reais do número de abusos sexuais de crianças existentes (Wurtele, 2002).

Os resultados das investigações realizadas em todo o Mundo sobre a prevalência dos abusos sexuais de crianças têm sido inconsistentes, porém em quase todos os países a prevalência de abusos sexuais de crianças é superior no género feminino em comparação com o género masculino e o agressor é na maioria das investigações conhecido pela criança.

Em Portugal, o tema dos abusos sexuais de crianças apenas recebeu atenção, a partir da década de 90, porém as investigações e informações sobre este tema são ainda muito escassas.

Em Portugal, apenas existe um estudo sobre a prevalência de abusos sexuais de crianças, não sendo este um estudo representativo da população portuguesa. Desta forma, atualmente não existe nenhum estudo de prevalência de abusos sexuais de crianças representativo da população portuguesa.

Os abusos sexuais de crianças vão provocar diferentes tipos de consequências na criança. Estas consequências estão relacionadas com diferentes tipos de variáveis, como a intensidade do abuso, o género e a idade tanto da criança como do agressor, a frequência do abuso e ligação entre a criança e o agressor. Diversas investigações relatam as diversas consequências encontradas nas suas

investigações, como as consequências físicas, sociais e sobretudo psicológicas, consequências a curto e a longo prazo que vão influenciar o desenvolvimento da criança.

Desta forma este trabalho tem como objetivo estudar a prevalência dos abusos sexuais de crianças, uma vez que os estudos de prevalência de abusos sexuais de crianças na população portuguesa são quase inexistentes.

Relativamente à estrutura deste trabalho, este encontra-se dividido em quatro partes.

A primeira parte é constituída pelo Enquadramento teórico do tema, onde é abordada a literatura do abusos sexuais de crianças, nomeadamente a prevalência de abusos sexuais de crianças em diversos países, de forma a se entender melhor esta problemática no Mundo. Na primeira parte, são também abordadas algumas características relacionadas com os abusos sexuais de crianças (idade, género, tipo de abusador), os tipos de abusos, as consequências que o abuso sexual vai provocar na criança e alguns mitos existentes sobre os abusos sexuais de crianças.

Na segunda parte, é abordada a metodologia do trabalho. Nesta parte são abordadas as características da população, o instrumento e o procedimento.

Na terceira parte do trabalho, aborda-se os resultados da investigação realizada. São apresentados os resultados e posteriormente a análise desses resultados.

A quarta e última parte do trabalho, refere-se à Discussão. Nesta parte, pretende-se sintetizar as principais ideias da pesquisa realizada. São também referidas algumas limitações e propostas futuras.

## **1. Enquadramento teórico:**

### **1.1. Conceito – Abusos sexuais de crianças:**

Não existe uma definição de abusos sexuais de crianças globalmente aceite, existindo, desta forma, diversas definições de abusos sexuais de crianças, sendo muitas destas contraditórias.

Haugaard (2000), refere a existência de três fatores que não permitem a existência de uma definição clara e geralmente aceite.

O primeiro fator refere-se ao fato do conceito de abuso sexual por ser utilizado em diversos contextos, por diversos profissionais de diferentes áreas, o que faz com que cada profissional utilize a sua definição com base nos seus objetivos, desta forma, a definição utilizada por um profissional de uma determinada área será diferente da definição utilizada por outro profissional.

O segundo fator refere-se ao fato da dificuldade de se decidir se um comportamento são abusos sexuais de crianças ou não num determinado tempo. Por exemplo, algumas pessoas podem considerar abuso sexual quando um pai dá banho à sua filha de 2 anos, e muitos podem considerar que é abuso o mesmo pai dar banho à filha de 14 anos.

O terceiro fator, refere-se ao contexto em que o comportamento ocorre ser considerado abusivo. Por exemplo, se um pai massaja as coxas da sua filha de 10 anos todas as noites quando ela esta na cama ou se o faz depois de um cansativo jogo de futebol.

Nas primeiras investigações de abusos sexuais de crianças, como não existia uma definição de abusos sexuais de crianças consensual, os investigadores pediam aos participantes na sua investigação para que considerassem como abuso sexual qualquer ato que de acordo com eles fosse sexual tendo em conta a idade da criança e a idade do adulto. Isto resultou numa definição abrangente de abusos sexuais de crianças (Haugaard, 2000).

Finkelhor (1994), refere que o conceito de abusos sexuais de crianças requer dois elementos: as atividades sexuais que envolvem a criança e uma condição abusiva, como a coerção e a falta de consento entre os indivíduos na participação de uma determinada atividade.

Quando se fala de abusos sexuais de crianças, fala-se de um conjunto de ações que podem ser ofensas sem contato físico, como por exemplo, a exibição dos órgãos genitais à criança, a atos com contato físico, como por exemplo as carícias, o toque, a penetração. Temos também de ter em atenção que os abusos sexuais ocorrem como que num contexto secreto, uma vez que na maioria das vezes não deixa marcas/sinais físicos na criança e também como este abuso envolve a palavra “sexual”, faz com que se torne um problema ainda mais difícil de se conseguir abordar (Wurtele, 2009).

O fato de não existir uma definição de abusos sexuais de crianças definida, resulta em percentagens de prevalência de abusos sexuais de crianças divergentes. Alguns autores têm como foco de investigação o tipo de abuso sexual (algumas definições de abusos sexuais de crianças apenas incluem o contato físico, como a penetração, o beijar, o toque e o acariciar. Desta forma, o não contato físico, como a exibição e a observação não eram considerados como abuso, nessas mesmas definições), outros fazem referência à idade mínima entre a criança e o agressor (Por exemplo, enquanto algumas definições de abusos sexuais de crianças consideram o abuso por parte de um amigo como um ato de abuso sexual, outras definições não consideram o abuso por parte de um amigo como um ato de abuso sexual, a não ser que exista uma diferença de idades entre a vítima e o agressor considerável), outros no que considera ser abusivo e outros no fato de ser coercivo.

A definição de Browne & Finkelhor (1986), focam-se no fato de o abuso ser coercivo. Estes autores referem que os abusos sexuais de crianças consistem em dois tipos de interação, a força ou a coerção sexual sobre a criança ou a atividade sexual entre um criança e outra pessoa 5 anos ou mais velha que ela.

Craissati, McClurg & Browne (2002, cit por, Thomas, Phillips, Carlsonm Shieh, Kirkwood, Cabage & Worley, 2013) & Hornor (2010, cit por, Yüce et all, 2015) focam as suas investigações na diferença de idades entre a vitima e o agressor. Craissati, McClurg & Browne (2002, cit por, Thomas, Phillips, Carlsonm Shieh, Kirkwood, Cabage & Worley, 2013) consideram que apenas se trata de abusos sexuais de crianças o contato sexual por um adulto que tenha uma idade muito superior à da crianças. A definição de Hornor faz referência a uma diferença de idades entre a criança e o agressor e envolve tanto contato físico como sem contato físico. Desta forma, segundo Hornor (2010, cit por, Yüce et all, 2015), os abusos sexuais de crianças definem-se como uma conduta sexual ou o contato com ou sobre a criança por parte de um adulto ou de uma criança significativamente mais velha para a obtenção de gratificação sexual da crianças. A definição de Hornor inclui ofertas sexuais, violação, prostituição, exposição, pornografia, incestos e outras atividades de exploração sexual.

Atualmente, o conceito de abusos sexuais de crianças tornou-se mais amplo, sendo definido por alguns autores, como qualquer atividade sexual contra uma criança através da força, da ameaça, intimidação ou manipulação. Assim, a atividade sexual inclui o acariciar, o convite à criança para tocar ou ser tocado sexualmente, a penetração, o exibicionismo, envolver a criança na prostituição ou na pornografia (Putnam, 2003: Wolak, Finkelhor, Mitchell & Ybarra, 2008; cit, pot, Collin-Vézina, Daigneault & Hébert, 2013).

A definição referida por Finkelhor (2009) é mais ampla. Finkelhor (2009), define abusos sexuais de crianças como a inclusão e vários crimes e ofensa sexuais a crianças até aos 17 anos. Esta definição inclui tanto agressores conhecidos pela crianças, como agressores estranhos à crianças. Inclui também tanto agressores jovens, como agressores adultos. Inclui atos de contato sexual, como o toque, a carícia e atos de penetração, como inclui também atos sem contato sexual, como o exibicionismo e o uso de crianças na produção de pornografia.

## **1.2. Características do abusos sexuais de crianças:**

As características encontradas nas diferentes investigações relativas aos abusos sexuais de crianças são várias. Estas características como, o género da criança, a idade de ocorrência do abuso, o tipo de agressor e o tipo de abuso tornam-se essenciais para a melhor compreensão do fenómeno do abusos sexuais de crianças.

### **1.2.1. Género da criança:**

De acordo com diversas investigações e com a literatura em geral a prevalência de abusos sexuais de crianças é superior no género feminino do que no género masculino.

De acordo com Finkelhor (1994), a prevalência de abuso sexual no género masculino varia de um terço a metade da prevalência de abusos sexual no género feminino.

A meta-análise conduzida por Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito (2009), em 65 países, constatou uma prevalência de abusos sexuais de crianças de 20% no género feminino e de 8% no género masculino. Em apenas um estudo a prevalência de abusos sexuais de crianças foi superior no género masculino.

A meta-análise de Stoltenborgh et all (2011), vai ao encontro da meta-análise realizada por Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito (2009), com uma prevalência de 18% no género feminino e 8% no género masculino.

Diversos autores (Dhaliwal et all., 1996; Romano & De Luca, 2001; Violato & Genuis, 1993, cit. por Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito, 2009), referem que o fato da prevalência de abusos sexuais de crianças ser inferior no género masculino se pode dever à metodologia utilizada e à visão do papel do homem como agressor e não como vítima.

Outra das razões são aos estereótipos em relação ao papel da mulher e ao papel do homem, que podem fazer com que os rapazes não revelem o abuso ou até que não compreendam o que acontece como sendo abuso sexual (Violato & Genuir, 1993 & Widom & Morris, 1997, cit por, Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito, 2009).

Coxell, King, Mezey & Gordon (1999, cit por, Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito, 2009), referem que os estereótipos sexuais podem levar a que os rapazes acreditem que terem relações com um adulto é uma forma de manterem a sua masculinidade.

A baixa prevalência no género masculino, pode dever-se também ao medo de serem rotulados como homossexuais, no caso do agressor ser homem, ou fracos no caso do agressor ser mulher (Holmes & Slap, 1999 e Romano & De Luca, 2001, cit por, Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito, 2009).

Desta forma, a diferença entre géneros encontrada na literatura, pode não corresponder à realidade, uma vez que os rapazes podem não revelar o abuso.

### **1.2.2. Idade da ocorrência do abuso:**

Numa revisão de estudos, Finkelhor & Baron, constataram que a idade mais provável da ocorrência do abuso sexual acontecer é entre os 7 e os 13 anos (Finkelhor, 1994). Também Goldman & Padayachi (1997), encontraram resultados similares, ao verificarem que as crianças entre os 7 e os 12 anos encontram-se mais vulneráveis.

De forma semelhantes, Pineda-Lucotero et all (2008), constataram que 90% dos abusos sexuais de crianças ocorreram quando as crianças tinham entre os 5 e os 10 anos. Também Figueiredo, Bifulco, Paiva, Maia, Fernandes & Matos (2004), constataram que os abusos começaram antes dos 13 anos.

Por outro lado, ao contrário dos resultados descritos na literatura em geral, Oaksford & Frude (2001), constataram que a idade de ocorrência de abusos sexuais de crianças foi de 18 anos.

Goldman & Padayachi (1997), referem que o fato das crianças serem mais vulneráveis nas idades referidas pode-se dever ao fato das crianças se encontrarem numa etapa em que são mais suscetíveis à autoridade e ao poder dos adultos.

### **1.2.3. Relação da criança com o agressor:**

No que diz respeito, à relação entre a criança e o agressor, o agressor pode ser alguém que a criança conhece, o agressor pode ser alguém que faz parte da família da criança, ou o agressor pode ser alguém desconhecido da criança (Finkelhor, 1994).

Estudos retrospectivos demonstram que o abuso por parte de familiares da criança, constitui um terço dos agressores (Finkelhor, 1994). Também Briere & Elliot (2003), constatou que 46,8% dos agressores faziam parte da família da criança.

O abuso por parte de familiares da criança leva a um problema mais complexo e a consequências mais graves na criança, devido à ligação existente entre a criança e o agressor (Finkelhor, 1994).

Por outro lado, Finkelhor (1994), refere os agressores mais encontrados na literatura são os agressores que não fazem parte da família da criança, mas que são conhecidos por esta. Também Madu & Peltzer (2001), no seu estudo, constataram que o tipo de agressor mais frequente foi “Amigo”, com uma percentagem de 32,3%. No mesmo sentido, Huston, Parra, Prihoda & foulds (1995), constataram que uma elevada percentagem de 77% das crianças vitimas de abuso sexual conheciam o seu agressor. Também Pineda-Lucatero, Trujilo-Hernández, Millán-Guerrero & Vasquez (2008) no seu estudo constatou que a maioria dos abusos sexuais de criança tiveram como agressor “Vizinho” (50,3%).

Por outro lado, alguns autores constataram uma percentagem mais elevada de agressores são estranhos à criança (Oaksford & Frude, 2001; Karayianni, Fanti, Diakidoy, Hadjicharalambous & Katsimicha, 2016).

### **1.2.4. Género e idade do agressor:**

Relativamente ao género do agressor, a maioria das investigações sobre abusos sexuais de crianças, constatou que o agressor é na maioria das vezes do género masculino.

Finkelhor (1990), no seu estudo, constatou que 83% dos agressores eram do género masculino em relação aos abusos sexuais a rapazes e 98% em relação aos abusos sexuais a raparigas.

Também Goldman & Padayachi (1997), no seu estudo obtiveram uma percentagem elevada de agressores masculinos (94%).

Apesar destes resultados, existe também a crença de que as mulheres não abusam de crianças, porém alguns estudos demonstram que entre 20%-25% dos agressores são mulheres (Sanderson, 2006).

No que diz respeito à idade do agressor, Finkelhor (1990), no seu estudo realizado, refere que a maior parte dos agressores têm uma idade superior a 10 anos em relação à criança. O fato do agressor ser referido na literatura como alguém com idade superior à criança pode dever-se ao fato de o adulto ser capaz de manipular a criança, usando poder e autoridade, ao contrário de agressores com idade igual à criança.

#### **1.2.5. Tipos de abuso sexual:**

Segundo Finkelhor (1994), existem dois tipos de abuso sexual, o abusos sexual com contato físico e o abuso sexual sem contato físico.

O abuso sexual com contato físico, caracteriza-se por o agressor tocar nas partes sexuais da criança (genitais ou o ânus) ou tocar no peito das crianças, ou também se é a própria criança a tocar nas partes sexuais do agressor.

O abuso sexual com contato, divide-se em dois tipos: a penetração e a não penetração. A penetração inclui o pênis e um objeto de penetração como a vagina, a boca ou o ânus. A maioria dos autores referem como forma abusiva mais grave a penetração. A não penetração inclui, as caricias, os beijos, ou também a própria criança no corpo do agressor.

O abuso sexual sem contato físico, caracteriza-se pelo exibicionismo, o voyeurismo e a inclusão da criança na produção de pornografia. Nos abusos sexual sem contato podem também estar incluídos comentários sexuais, como comentários sobre o corpo da criança.

Autores como, Chen, Dunne & Han (2004) e Goldman & Padayachi (1997), referem como situação sexual mais frequente “Alguém lhe mostrar os genitais”. Isto é, situações sem contato físico.

Por outro lado, autores como Huston, Parra, Prihoda & Foulds (1995) e Oaksford & Frude (2001), referem como situações sexuais mais frequentes, situações em que ocorre contato entre agressor e criança. Oaksford & Frude (2001), referem assim as caricias como situação sexual mais frequente. E Huston, Parra, Prihoda & Foulds (1995), referem a penetração, como a situação sexual mais frequente.

Oaksford & Frude (2001), referem também que no seu estudo, em 75% dos casos ocorreu contato físico entre criança e agressor.

Alguns autores referem que quando o abuso sexual envolve o uso de força, a ameaça ou a ameaça têm consequências mais graves na criança.

### **1.3. Consequências do abusos sexuais de crianças:**

Os abusos sexuais de crianças, provocam na criança abusada diferentes tipos de consequências que são diferentes em cada criança e que se encontram relacionadas com diferentes variáveis.

As consequências que o abusos sexual vai provocar na criança, podem ser consequências tanto a curto prazo, como e/ou a longo prazo.

As consequências a curto-prazo são as consequências que acontecem após a ocorrência do abuso ou até 2 anos após. Desta forma, a literatura sugere que as consequências a curto-prazo mais frequentes são: Perturbações emocionais e perturbações de auto-perceção (como por exemplo: distúrbios ao nível do sono, distúrbios ao nível da alimentação, medo, fobias, depressão, culpa, vergonha, raiva); Consequências negativas ao nível social (como as dificuldade escolares, fugir de casa, delinquência); Consequências físicas e queixas somáticas; Atrasos no desenvolvimento; Comportamento sexual inadequado (como por exemplo o excesso de curiosidade sexual e a exposição mais frequente dos órgãos genitais) (Browne & Finkelhor, 1986; Cantón-Cortés & Cortés, 2015; Yüce et all, 2015).

Em relação às consequências a longo-prazo, a literatura demonstra que as consequências mais frequentes são: a depressão, a ansiedade, o isolamento, a baixa auto-estima, o comportamento autodestrutivo e a dificuldade em confiar nos outros (Browne & Finkelhor, 1986; Cantón-Cortés & Cortés, 2015).

As consequências que os abusos sexuais de crianças vão provocar na criança encontram-se relacionadas com diferentes variáveis, relacionadas com o abuso sexual (como a intensidade do abuso, a frequência do abuso, a relação entre a criança e o agressor, o tipo de abuso e o uso de força), da características da própria criança (como a idade, o género, o modo de lidar com a situação), de características da família (como a reação da família à revelação do abuso sexual, a composição da família, o relacionamento da família) e as características da comunidade (como a sua reação à revelação do abuso sexual e a disponibilidade dos recursos) Desta forma, alguns autores referem que as consequências são mais graves quando o agressor é familiar da criança, se existir o uso de força, se tiver uma maior duração no tempo e se acontecer mais do que uma vez e se o agressor for do género

masculino e adulto (Browne & Finkelhor, 1986; Cantón-Cortés & Cortés, 2015; Yüce et al., 2015; Wurtele, 2002).

Na literatura em geral é possível observar-se que a consequência mais frequente que o abuso sexual vai provocar na criança é a depressão. O estudo de Yüce et al. (2005), que pretendia investigar as consequências psicológicas do abuso sexual em 590 crianças e adolescentes, demonstrou que as maiores consequências psicológicas observadas foram a depressão (45,9%) e o stress pós-traumático (31,7%). Também Ferguson, Boden & Horwood (2008, cit. por, Cantón-Cortés & Cortés, 2015), realizaram um estudo longitudinal durante 25 anos com 1000 crianças, avaliando o efeito de abusos sexuais de crianças. Os resultados deste estudo demonstraram como principal efeito de abuso sexual na criança a depressão.

É importante que as crianças vítimas de abuso sexual, tenham alguém em quem possam confiar e apoiá-las, de forma a que as consequências que o abuso sexual vai provocar na criança possam ser minimizadas, uma vez que as crianças encontram-se nesta altura muito confusas e enfrentam uma situação dolorosa e isso vai agravar-se se elas não tiverem ninguém que lhes dê suporte.

Finkelhor (1987), refere quatro dinâmicas de trauma de abuso sexual: A Sexualização traumática, a estigmatização, a impotência e a desconfiança. Finkelhor (1987), demonstrou que os fatores mais encontrados nas crianças vítimas de abuso sexual, quando comparadas com as crianças que não foram abusadas são: sentirem-se diferente dos pares (estigmatização), atribuição de acontecimentos negativos a si próprio, baixa auto estima e desconfiança.

Wurtele (2002), refere que diversas investigações constataram que dificuldades psicológicas (como a depressão, ansiedade, raiva, percepção errada do self, distúrbios cognitivos) são mais prevalentes em crianças que tenham sido abusadas do que em crianças que não tenham sido abusadas.

Também Berlinder & Elliott (2002, cit. por, Cantón-Cortés & Cortés, 2015), referem que as crianças vítimas de abuso sexual apresentam uma probabilidade cinco vezes maior que o resto da população de sofrer de ansiedade, ansiedade generalizada, fobias, ataques de pânico e transtorno obsessivo compulsivo.

Alguns autores referem também que existem diferentes tipos de consequências consoante o género da criança.

O estudo de Gault-Sherman, Silver & Sigfúsdóttir, (2009, cit. por, Cantón-Cortés & Cortés, 2015), que investigou o papel do género da criança no abuso sexual, demonstrou que existe uma menor probabilidade de os homens que sofreram de abuso sexual em crianças sofram de ansiedade,

depressão e stress pós-traumático que as homens. Por outro lado, é mais provável que os homens sofram de transtornos de personalidade antissocial e que tenham problemas com álcool e drogas (Cantón-Cortés & Cortés, 2015).

Young, Bergandi & Titus (1994, cit por, Cantón-Cortés & Cortés, 2015), realizaram um estudo com o objetivo de analisar os efeitos de abusos sexuais de crianças. O seu estudo contou com 40 crianças, entre os 8 e os 11 anos. Os autores demonstraram que os rapazes apresentavam maiores níveis de agressividade que as raparigas. E que as raparigas apresentavam maiores sintomas depressivos que os rapazes.

Desta forma, as consequências que os abusos sexuais de crianças vão ter na criança podem surgir imediatamente após o abuso ou só mais tarde. E estas consequências encontram-se relacionadas com diversas variáveis e afetam cada criança de forma diferente.

#### 1.4. Estudos sobre a prevalência de abusos sexuais de crianças no Mundo:

O estudo sobre a prevalência de abusos sexuais de crianças tem sido o objeto de estudo de diversos países. Na tabela 1, está presente uma síntese do valor da prevalência de abusos sexuais de crianças em alguns países.

Tabela 1: Estudos de prevalência de abusos sexuais de crianças no Mundo

| Autor                              | Ano  | País           | Amostra | Método       | Prevalência   |
|------------------------------------|------|----------------|---------|--------------|---|
| Finkelhor, Hotaling, Lewis & Smith | 1990 | Estados Unidos | 2626    |              | → 27% no género feminino;<br>→ 16% no género masculino.     |
| Briere et Elliot                   | 2003 | Estados Unidos | 1442    | Questionário | → 22,1% no género masculino;<br>→ 32,3% no género feminino. |
| Figueiredo et all                  | 2004 | Portugal       | 835     | Questionário | → 2,7% no género feminino;<br>→ 2,6% no género masculino.   |
| Madu & Peltzer                     | 2001 | África do Sul  | 414     | Questionário | → 54,2 %;<br>→ 53,2% no género feminino;                    |

|                                 |      |             |      |                           |  |
|---------------------------------|------|-------------|------|---------------------------|--|
|                                 |      |             |      |                           | → 60% no género masculino.   |
| Oaksford & Frude                | 2001 | Reino Unido | 213  | Questionário              | → 13,14 no género feminino.  |
| Goldman & Padayachi             | 1997 | Australia   | 427  | Questionário              | → 45% no género feminino;<br>→ 19% no género masculino.              |
| Karayianni et all               | 2017 | Chipre      | 1852 | Questionário              | → 33%.<br>→ 80% no género feminino;<br>→ 21% no género masculino.    |
| Hébert et all                   | 2009 | Canada      | 804  | Questionário por telefone | → 9,7% no género masculino;<br>→ 32,3% no género feminino.           |
| Pineda-Lucatero et all          | 2008 | México      | 1067 | Questionário              | → 18,7 %;<br>→ 58% no género feminino;<br>→ 42% no género masculino. |
| Huston, Parra, Prihoda & Foulds | 1995 | EUA         | 1885 | Questionário              | → 86% no género feminino;<br>→ 14% no género masculino.              |

Como podemos observar na Tabela 1, foram vários os estudos realizados sobre abusos sexuais de crianças em diversos países, sendo uma grande parte deles dos EUA.

O primeiro estudo realizado sobre abusos sexuais de crianças nos EUA foi realizado por Finkelhor, Hotaling, Lewis e Smith (1990), a 2626 participantes com 18 anos ou mais, através do telefone. O seu objetivo consistia em estudar a prevalência de abusos sexuais de crianças. Eram colocadas quatro questões sobre abuso sexual (Quando eras uma criança, consegues te lembrar de teres tido alguma experiencia que agora consideres como abuso sexual, como alguém tentar ou conseguir ter algum tipo de ligação sexual contigo, ou alguma coisa parecida? / Quando eras criança, consegues te lembrar de algum tipo de experiencia que agora consideres como abuso sexual envolvendo alguém tocar te, agarrar-te, beijar te ou esfregar se no teu corpo num lugar público ou privado ou alguma coisa assim? / Quando eras criança, consegues te lembrar de algum tipo de experiencia que agora consideres como abuso sexual envolvendo alguém tirando fotos nuas tuas, ou

alguém exibindo partes do seu corpo para ti, ou alguém realizar um ato sexual na tua presença, ou qualquer coisa assim? // Quando eras criança, consegues te lembrar de algum tipo de experiência que agora consideres como abuso sexual envolvendo sexo oral ou algo assim?)

Os resultados demonstraram uma prevalência de 27% de abusos sexuais de crianças no sexo feminino e 16% no sexo masculino.

Foram também analisadas outras características ligadas ao abuso sexual. Em relação à idade média do abuso sexual esta foi de 9,9 anos para as raparigas e 9,6 anos para os rapazes. Relativamente ao tipo de agressor, os rapazes foram maioritariamente abusados por estranhos e as raparigas foram maioritariamente abusadas por membros da família.

Tanto nos rapazes como nas raparigas, os agressores foram maioritariamente homens.

Verificou-se também que as vítimas tinham uma diferença de 10 ou mais anos em relação aos agressores e que os abusos ocorreram apenas uma vez.

Em relação à revelação do abuso, uma percentagem maior de rapazes (42%), comparativamente a uma percentagem de 33% das raparigas, não partilharam a situação abusiva.

Outro estudo realizado nos EUA foi realizado por Briere & Elliott (2003), com o objetivo de analisar a prevalência de abusos sexuais de crianças em 935 participantes, com idade igual ou maior de 18 anos. Os resultados demonstraram uma prevalência de 14,2% no sexo masculino e 32,2% no sexo feminino. A idade média em que ocorreu o primeiro episódio foi de 9,7 anos e a média de idade do último episódio de 12,1 anos. Em relação à relação com o agressor, 46,8% são membros da família.

Huston, Parra, Prihoda & Foulds (1995), realizaram também um estudo nos EUA, onde constataram, uma prevalência de 86% no género feminino e de 14% no género masculino. 77% das crianças abusadas conheciam o seu agressor e apenas 11% das crianças tiveram um agressor Estranho. A situação de abuso sexual mais identificada foi penetração, com uma percentagem de 48%.

Comparativamente, estes três estudos realizados nos EUA apresentam algumas diferenças. A metodologia é diferente, enquanto o primeiro estudo foi realizado através de contactos telefónicos, o segundo e o terceiro utilizou questionários. A amostra também foi muito diferente, enquanto o primeiro estudo tem 2626 participantes, o segundo tinha menos de metade, apenas 935 participantes e o terceiro tinha 1885 participantes. A percentagem de abusos sexuais de crianças foi superior no género feminino no estudo de Briere & Elliott (32,3% vs 27%) e inferior no género masculino (14,2% vs 16%), em relação ao estudo de Finkelhor, Hotaling, Lewis e Smith. Por outro lado, a investigação de Huston, Parra, Prihoda & Foulds (1995), obteve uma percentagem de abuso sexual no género feminino (86%) muito superior ao outros dois estudos dos EUA.

A percentagem de agressores serem membros da família foi muito superior no estudo Briere & Elliott em relação ao estudo de Finkelhor, Hotaling, Lewis e Smith. E no estudo de Huston, Parra, Prihoda & Foulds (1995), 77% das crianças conhecia o seu agressor.

Por outro lado, uma das maiores semelhanças entre o estudo de Finkelhor, Hotaling, Lewis e Smith (1990) e Briere & Elliott (2003) foi a idade média do abuso (9/10 anos de idade).

Em Portugal foi realizado um estudo por Figueiredo, Bifulco, Paiva, Maia, Fernandes & Matos (2004), com o objetivo de estudar a prevalência de abusos sexuais de crianças a 835 participantes, através do questionário, o Childhood History Questionnaire (CHQ).

O estudo demonstrou uma baixa prevalência de abusos sexuais de crianças. Na comparação de géneros não houveram diferenças relevantes, no género masculino a percentagem foi de 2,6% e no género feminino de 2,7%. A maioria dos abusos físicos ocorreram antes da idade dos 13 anos.

Uma investigação conduzida por Madu & Peltzer (2001), com o objetivo de analisar a prevalência de abusos sexuais de crianças foi realizada na África do Sul a 414 participantes. Os resultados demonstraram uma prevalência de abusos sexuais de crianças de 54,2% no total, 60% no género masculino e 53,2% no género feminino. No tipo de abusador, o “amigo” (32,3%) foi o abusador mais indicado pelos sujeitos, seguidos de “mãe” (5,1%), seguidos de “estranho” (4,6%).

No Reino Unido, Oaksford & Frude (2001), realizaram um estudo em que analisaram a prevalência de abusos sexuais de crianças no Reino Unido. A amostra foi composta por 213 raparigas. A prevalência de abusos sexuais de crianças foi de 13,14%. A forma de contato de abuso sexual mais utilizada foi as carícias. Em relação ao tipo de abusador, a maioria dos sujeitos não conheciam o abusador. Na sua maioria, o abuso apenas ocorreu uma vez e a idade de início dos abusos foi de 18 anos.

Outro estudo, com o objetivo de analisar a prevalência de abuso sexual na Austrália a 427 participantes foi realizado por Goldman & Padayachi (1997).

Os resultados demonstraram uma prevalência de 45% no género feminino e de 16% no género masculino. A idade média de início do abuso sexual foi de 9 anos para os rapazes e de 9,9 anos para as raparigas.

Karayianni, Fanti, Diakidoy, Hadjicharalambous & Katsimicha (2016), realizaram uma investigação com o objetivo de estudar a prevalência de abusos sexuais de crianças no Chipre.

O número de participantes era de 1235 rapazes e raparigas com idade entre os 15 e os 25 anos. Eram administrado diversos questionários online. A prevalência de abusos sexuais de crianças no Chipre foi de 33%, sendo que algum tipo de abuso sexual apenas ocorreu uma vez. Em relação ao

gênero, abusos sexuais de crianças ocorreu mais frequentemente no gênero feminino (80%) do que no gênero masculino (21%).

Relativamente à relação com o abusador, na maioria dos casos a vítima não conhecia o agressor. 36%, dos agressores eram Estranhos à crianças, 32% eram conhecidos da criança e 8% dos agressores em membros da família da criança.

No Canada, Hébert, Tourigny, Cyr, McDuff & Joly (2009), realizaram um estudo com o objetivo de avaliar a prevalência de padrões de divulgação de abusos sexuais de crianças em 804 participantes. Foi utilizado um método de telefone e os instrumentos utilizados no estudo foram a versão curta francesa da escala de aflição psicológica do inquérito de saúde de Quebec e o PC-PTSD. Os resultados demonstraram que 21,4% do sexo feminino e 9,5% do sexo masculino experienciaram contatos sexuais indesejados (toque), por um adulto ou por uma criança três anos mais velha. 5,2% do sexo feminino e 2,3% do sexo masculino sofreram de situações de violação. Desta forma, a prevalência de abusos sexuais de crianças neste estudo foi de 21,1% no sexo feminino 9,7% no sexo masculino. No que diz respeito à idade de início do abuso sexual para os contatos sexuais indesejados, no sexo feminino 40,2%, começaram entre os 12 e os 18 ano, e no sexo masculino 63,9% começaram entre os 6 e os 11 anos. Os resultados demonstraram também que apenas uma em cada cinco das vítimas não revelaram o abuso, sendo que a percentagem de homens (34,2%) é superior à das mulheres (15,7%).

O estudo do México de Peneda-Lucatero, Trujillo-Hernández, Millán-Guerrero & Vasquez (2008), tinha como objetivo estudar a prevalência de abusos sexuais de crianças em 1067 adolescentes, através de um questionário. A prevalência de abuso sexual foi de 18,7%, sendo no sexo masculino de 58% e no sexo feminino de 42%. Os autores concluíram que a maioria dos abusos ocorridos, ocorreram apenas uma vez (47,5%) e apenas 2% dos abusos ocorreram durante um ano ou mais. 90% dos abusos ocorreram quando os participantes tinham entre os 5 e os 10 anos de idade. Os autores concluíram também que em 25% dos abusos sexuais não ocorreu contato físico e em 75% dos casos ocorreu abusos sexuais de crianças. Neste estudo, 14,4% dos participantes partilharam o abuso com outras pessoas, mas apenas 3,7% dos participantes denunciaram o abuso legalmente. No que diz respeito ao tipo de abusador, 39,3% dos participantes foram abusados por um membro da família.

Ao compararmos, todos os estudos, podemos observar através da tabela 1, que a maior prevalência de abusos sexuais de crianças foi na África do Sul (54,2%), sendo este valor muito superior em relação aos outros países.

O país com a menor prevalência de abusos sexuais de crianças foi Portugal, com uma percentagem muito inferior aos outros países (2,7% no género feminino e 2,6% no género masculino). Esta baixa prevalência pode se ter devido ao tipo de procedimento utilizado, que consistia na entrega pelos professores dos questionários sobre abuso sexual aos alunos, que entregaram depois aos seus pais. Estes responderam aos questionários acerca das suas experiências enquanto crianças e voltaram a dar posteriormente aos filhos e estes voltaram a devolver aos professores. Este procedimento pode ter provocado algum receio e desconfiança por parte dos pais, que podiam pensar que as suas respostas fossem vistas por outros.

Em quase todos os estudos, houve uma maior prevalência de abuso sexual no género feminino, com a exceção do estudo na África do Sul, onde houve uma maior prevalência de abuso sexual no género masculino, o que se pode dever a razões demográficas.

O estudo de Huston, Parra, Prihoda & Foulds (1995) realizado nos EUA e de Karayianni et al (2017) realizado no Chipre, apresentam percentagens de abusos sexuais de crianças muito elevadas no género feminino em comparação com os restantes estudos da Tabela 1.

Em relação à idade média do abuso Finkelhor, Hotaling, Lewis e Smith (1990) e Briere & Elliott (2003), contataram idades médias de início do abuso sexual similares. (Finkelhor, Hotaling, Lewis e Smith, 1990, de 9,9 anos para as raparigas e 9,6 anos para os rapazes e Briere & Elliott, 2003, uma idade média de 9,7 anos).

Goldman & Padayachi (1997), referem também no seu estudo uma idade média de início de abuso de 9 anos no género masculino e de 9,9 anos no género feminino.

Pineda-Lucatero et al (2008), contataram que 90% dos abusos sexuais ocorreram quando os participantes tinham entre os 5 e os 10 anos de idade. No mesmo sentido, Hébert, Tourigny, Cyr, McDuff & Joly (2009), constataram que os abusos sexuais aconteceram entre os 6 e os 11 anos no género masculino. Assim como, Figueiredo, Bifulco, Paiva, Maia, Fernandes & Matos (2004), que constataram que os abusos começaram antes dos 13 anos. Em contraste com estes dois estudos, o estudo realizado no Reino Unido por Oaksford & Frude (2001), constatou que a idade de início dos abusos sexuais foi de 18 anos.

Relativamente ao tipo de abusador, nos estudos dos EUA, Reino Unido, Chipre e México, a maioria das vítimas não conhecia o seu agressor. Por outro lado, na África do Sul, a maioria das vítimas conhecia o seu agressor, sendo o agressor mais referido como “amigo”.

Desta forma, como podemos observar existe uma discrepância de resultados na prevalência de abusos sexuais de crianças em todo o Mundo. Estas discrepâncias encontradas podem se dever a diferentes razões. Pode-se dever a fatores culturais, à metodologia, à definição de abuso, entre outros.

Desta forma, Stoltenborgh, Ijzendoorn, Euser & Bakermans-Kranenburg (2011) e Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito (2009), realizam cada um meta-análises.

Stoltenborgh, Ijzendoorn, Euser & Bakermans-Kranenburg (2011), utilizaram 217 publicações sobre o abusos sexuais de crianças, entre 1982 e 2008. Os resultados desta meta-análise, demonstraram uma prevalência de abusos sexuais de crianças no mundo de 11,8%. Constatou-se uma maior prevalência no género feminino (18%) do que no género masculino (7,6%).

Encontraram também diferenças geográficas. Na Ásia e na América do Sul foram encontradas taxas inferiores de prevalência ao contrário da Austrália e da Nova Zelândia. Os autores referem que estas diferenças se podem dever a diferenças culturais e sociodemográficas.

Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito (2009), na sua meta-análise utilizaram 39 estudos de prevalência de abusos sexuais de crianças de 22 países. Os resultados desta meta-análise, demonstraram discrepâncias. De um modo geral, constataram, uma maior prevalência de abusos sexuais de crianças no género feminino assim, como a meta-análise de Stoltenborgh, Ijzendoorn, Euser & Bakermans-Kranenburg (2011) e Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito (2009). A prevalência do género feminino encontrada foi de 10% e 20% e no género masculino inferior a 10%.

Desta forma, a meta-análise de Stoltenborgh et all (2011), vai ao encontro da meta-análise realizada por Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito, (2009), com uma taxa de prevalência de 18% no género feminino e 8% no género masculino. Porém, ambas as meta-análises, confirmaram a discrepâncias de resultados existentes nos diversos estudos realizados em todo o Mundo.

### **1.5. Mitos associados ao abusos sexuais de crianças:**

Os abusos sexuais de crianças são um assunto muito debatido em todo o Mundo, porém nem sempre a informação que existe é clara e concisa , o que provoca na comunidade algumas ideias erradas sobre o fenómeno que é o abusos sexuais de crianças (Maria & Ornelas, 2010).

Por exemplo, a maior parte das pessoas acredita que os abusos sexuais de crianças é um acontecimento pouco frequente e raro. Porém a realidade é que muitas crianças não revelam o abuso, o que faz com que o número real de abusos sexuais de crianças seja na realidade muito superior ao encontrado nas investigações (Maria & Ornelas, 2010).

Outro dos mitos associados aos abusos sexuais de crianças, é de que é mais provável as raparigas serem vítimas de abusos sexuais de crianças do que os rapazes. Apesar da literatura demonstrar que as raparigas são mais abusadas do que os rapazes, como as meta-análises de Stoltenborgh, Ijzendoorn, Euser & Bakermans-Kranenburg (2011) e Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito (2009), que constataram uma prevalência superior de abusos sexuais de crianças no género feminino, a literatura refere que a realidade pode ser diferente. Isto pode-se dever aos rapazes poderem ter maior dificuldade em revelarem o abuso, o que se pode dever pelo medo da opinião pública e pelo papel que a comunidade têm do homem (Sanderson, 2006).

Uma das ideias mais erradas sobre abusos sexuais de crianças, é a de os agressores serem desconhecidos da vítima. Porém na realidade, a maior parte dos estudos, demonstram que entre 80%-85% dos agressores são conhecidos da criança. Por exemplo, a investigação de Huston, Parra, Prihoda & Foulds (1995), na sua investigação obtiveram uma percentagem de 77% de agressores conhecidos pela criança. Também na sua investigação Madu & Peltzer (2001), constataram que a maioria dos agressores no seu estudo eram conhecidos pela criança.

Além desta ideia, dos abusos sexuais de crianças serem cometidos por desconhecidos, uma outra ideia errada é a de que o abusador sexual de crianças é um monstro. Porém, é precisamente o contrário. Ou seja, se o agressor de crianças fosse um monstro, este não conseguiria aproximar-se da criança, ela não iria dar-lhe confiança para interagir com ele. Assim, o agressor apresenta-se à criança como alguém simpático, de forma a ganhar a sua confiança (Sanderson, 2006).

O mito de o abusador ser psicopata é também muito comum. Acredita-se que o abusador é alguém muito fácil de se distinguir, com mau aspeto, por não ser, nem ter uma vida de um indivíduo considerado normal. Porém, o abusador é normalmente alguém “normal”, com uma vida como qualquer outro indivíduo (Maria & Ornelas, 2010).

Existe também a crença de que as mulheres não abusam de crianças. Porém, estudos demonstram que 20%-25%, dos agressores são na realidade mulheres (Sanderson, 2006).

Um dos mitos mais existentes na sociedade é que todas as crianças abusadas se tornam mais tarde, elas mesmas, abusadoras. Investigações demonstraram que 66% dos abusadores não foram abusados durante a infância. A maior consequência deste mito, é a de que as pessoas acreditam que apenas as pessoas abusadas se tornam abusadores (Sanderson, 2006).

O mito de que não é considerado abusos sexuais de crianças se a criança der o seu consentimento, é também muito debatido na literatura, porém, não deveria existir, pois uma criança só pelo facto de ser criança não é capaz de dar o seu consentimento.

Uma outra ideia errada, é a de que as crianças são promiscuas e provocadoras. A criança pode ser sedutora e provocadora em qualquer tipo de situação, isso não importa, o que realmente importa é que mesmo a criança tendo estas características, ela não é responsável pelo abuso. O adulto é que deve ser sempre responsabilizado pelo abuso e não a criança.

Outro mito é de que os abusos sexuais de crianças não vai provocar consequências no futuro da criança. Investigações demonstram que o abusos sexuais de crianças vai provocar na criança diferentes tipos de consequências. Nos seus artigos, Cantón-Cortés & Cortés, 2015 e Yüce et al, 2015, descrevem diferentes tipos de consequências que o abusos sexuais de crianças pode provocar a curto e a longo prazo na vida da criança. As crianças vítimas de abuso sexual podem vir a sofrer de depressão, ansiedade, stress pós-traumático, dificuldades físicas, entre outras. Wurtele (2002), refere que o grau em que o abuso sexual afeta a criança vai depender de diferentes variáveis.

A tabela 2, apresentada em baixo, consiste numa síntese dos mitos referidos acima sobre os abusos sexuais de crianças.

Tabela 2: Síntese de mitos vs realidade do abusos sexuais de crianças

| Mito   | Realidade  |
|--|--|
| O abusos sexuais de crianças é um acontecimento pouco frequente.                   | Estudos demonstram que uma em cada quatro raparigas e um em cada seis rapazes são vítimas de abuso sexual, porém diversos investigadores acreditam que a maior parte das crianças não revela o abuso.                |
| As raparigas estão mais em risco de serem abusadas do que os rapazes.              | Tanto as raparigas como os rapazes podem ser abusados. A realidade é a de que apesar dos resultados demonstrarem que as raparigas são mais abusadas do que os rapazes. A maior parte dos rapazes não revela o abuso. |
| Os agressores são sempre desconhecidos da criança.                                 | Estudos demonstraram que em 80-85% de abusos sexuais de crianças, o agressor é conhecido da criança.   |
| O abusador de crianças é um monstro.   | O abusador de crianças é alguém que aparenta ser simpático e de confiança, de forma, a poder se aproximar das crianças.  |
| O abusador de crianças é um psicopata.   | O abusador é alguém “normal”, com uma vida “normal”.   |
| As mulheres não são abusadoras de crianças.  | Estudos demonstram que aproximadamente 20-25% dos agressores são mulheres.   |
| Todas as crianças abusadas tornam-se abusadores.                                   | Investigações demonstraram que 66% dos abusadores não foram abusados durante a infância.   |
| Não é considerado abusos sexuais de crianças se a criança der o seu consentimento. | Uma criança não é capaz de dar consentimento informado.  |
| As crianças são promiscuas e provocadoras.   | As crianças não pedem para serem abusadas e nunca devem ser responsabilizadas ou culpabilizadas por isso. O culpado é sempre o adulto.   |

---

O abusos sexuais de crianças não vai provocar consequências no futuro da criança.

---

Investigações demonstram que o abusos sexuais de crianças provoca consequências a curto e a longo prazo da criança.

---

A existência destes mitos sobre os abusos sexuais de crianças, leva a que a população tenha informação errada e não veja o fenómeno do abusos sexuais de crianças de forma correta. Leva a população a acreditar que este é um problema que apenas acontece em outros países e que por isso, não se precisa de preocupar, porque não vai acontecer com eles.

Desta forma, para de combater estes mitos, deve existir um maior número de informação sobre este tema, para que a população em geral possa estar informada da realidade do abusos sexuais de crianças e passar a acreditar que este é um problema que também ocorre em Portugal e a estar melhor preparada para isso.

### **1.6. Objeto de estudo e questões de investigação:**

Após o que foi descrito anteriormente e devido aos abusos sexuais de crianças ser um fenómeno complexo e crescente e devido à inexistência de investigações de abusos sexuais de crianças representativos da população portuguesa, o presente trabalho tem como objetivo estudar a prevalência de abusos sexuais de crianças na população portuguesa.

Desta forma, são também colocadas duas questões de investigação, consideradas relevantes.

Questão 1: Será que a prevalência de abusos sexuais de crianças no população portuguesa é similar à prevalência de abusos sexuais de crianças encontrada na literatura em geral?

Questão 2: Será que existem diferenças de género referentes à prevalência de abusos sexuais de crianças?

## **2. Método:**

### **2.1. Participantes:**

O presente estudo contou com a participação de 135 indivíduos, sendo 119 do género feminino e 16 do género masculino.

Os participantes têm uma idade compreendida entre os 18 e os 25 anos. Sendo que 52 participantes (38%) têm 18 anos, 19 participantes (14%) têm 19 anos, 15 participantes (11%) têm 20 anos, 7 participantes (5%) têm 21 anos, 13 participantes (10%) têm 22 anos, 13 participantes (10%) têm 23 anos, 5 participantes (4%) têm 24 anos e 11 participantes (8%) têm 25 anos.

Relativamente às habilitações académicas, a maioria dos participantes (68%) têm o 12º ano; 12,6% têm uma Licenciatura; 6,7% têm o 9º ano; 5,2% têm um Mestrado; 2,2% têm um Curso Especializado Tecnológico; 1,5% têm 11º ano e também 1,5% têm uma Pós-Graduação; 0,7% dos participantes têm o 6º ano; 0,7% têm o 7º ano e também 0,7% têm o 10º ano.

O estado civil da maior parte dos participantes é Solteiro (88%); 8% dos participantes estão em uma união de facto; 2% dos participantes são Casados e 2% dos participantes estão Separados.

Os participantes em estudo encontram-se distribuídos por vários distritos (Lisboa, Porto, Aveiro, Setúbal, Vila Real, Santarém, Coimbra, Leiria, Braga, Faro, Viseu, Castelo Branco, Vila Nova de Gaia, Beja, Guarda, Portalegre, Évora, Viana do Castelo e Açores). Os distritos com maior número de participantes são: Lisboa (44%), Porto (16%) e Setúbal (9%).

Em relação à amostra, esta é uma amostra não probabilística, por conveniência e por efeito bola de neve. O efeito bola de neve é benéfico quando se pretende estudar populações às quais é difícil o seu acesso. Desta forma, devido à dificuldade de se estudar a população pretendida neste estudo, o efeito bola de neve torna-se benéfico.

## **2.2. Instrumento:**

Nesta investigação foi utilizado o “Childhood Sexual Experiences Questionnaire” (CSEQ) de Altman (2005).

O “Childhood Sexual Experiences Questionnaire” (CSEQ) foi construído a partir de uma medida de auto-relato de abuso sexual na infância por Finkelhor, uma medida de auto-relato de abuso sexual na infância por Mendel, e uma entrevista estruturada de abuso sexual na infância por Chaffin, Wherry, Newlen, Crutchfield e Dykman.

O “Childhood Sexual Experiences Questionnaire” (CSEQ), encontra-se dividido em duas partes.

A primeira parte corresponde a questões demográficas como, a idade, o género, o estado civil, habilitações académicas, nacionalidade e naturalidade.

A segunda parte corresponde a 16 itens sobre diferentes comportamentos sexuais abusivos, ocorridos antes dos 11 anos, organizados numa escala de Likert, através das respostas: “Não tenho a certeza”; “Nunca”; “Raramente”; “Às vezes”; “Frequentemente”; “Muito Frequentemente”.

As situações de abuso encontram-se ordenadas da menos graves para a mais grave.

A instrução para o preenchimento do questionário é a seguinte: “Assinale com que frequência as seguintes situações lhe ocorreram antes dos 11 anos”.

Foram acrescentadas quatro questões relativas à identidade do agressor e à idade do agressor e da vítima, de modo a enriquecer a informação recolhida, estas questões são: “Quem era(m) para si a(s) pessoa(s) que protagonizaram as situações acima identificadas?”; “No caso de ter respondido “Outro”, especifique”; “Qual a idade dos perpetradores aquando o abuso? (Coloque o grau de proximidade referido na questão anterior e a idade da pessoa nessa altura)”; “Que idade tinha quando o abuso aconteceu?” “Que idade tinha quando o abuso terminou? (No caso de ainda decorrer no presente, coloque a sua idade atual)”.

### **2.3. Procedimento:**

Para a realização da presente investigação, procedeu-se à aplicação do instrumento em formato online, através do “Google Drive”.

Inicialmente foi descrito o objetivo da investigação e o consentimento informado aos participantes em estudo. Os participantes foram informados do tema da investigação e das condições para poderem responderem ao questionário. Foi também transmitido ao participante a duração do questionário e que este é anónimo e confidencial. O participante é também informado de que pode a qualquer momento interromper o questionário.

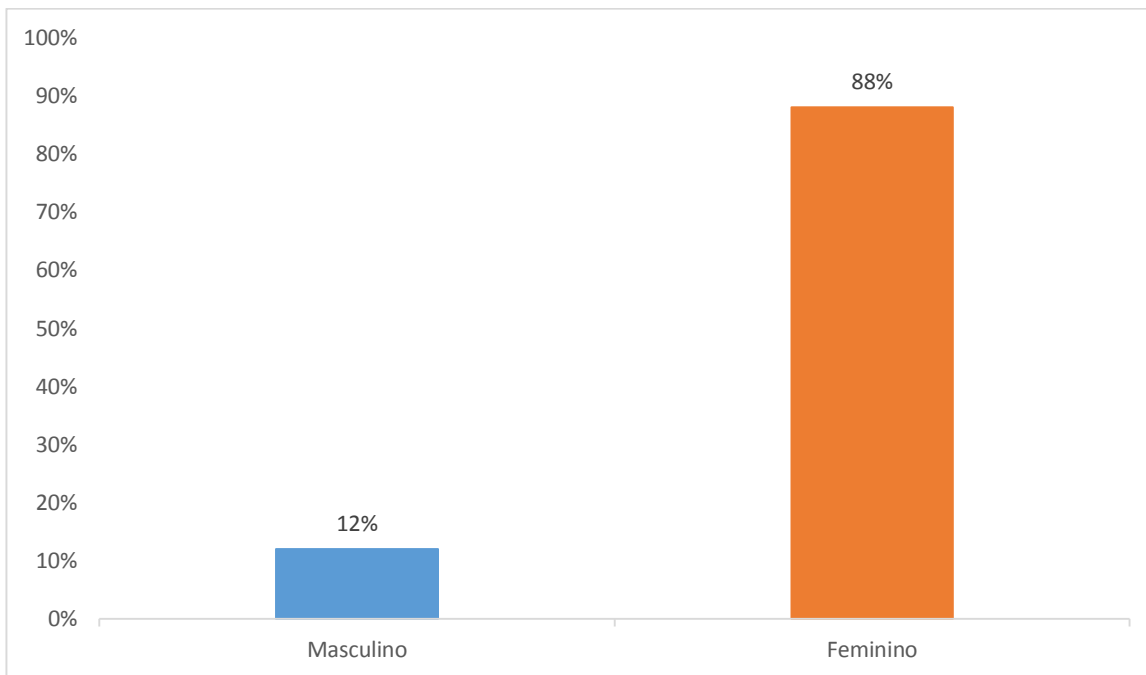
Após a recolha dos questionários, foi criada uma base de dados no programa SPSS e estes foram posteriormente analisados estatisticamente.

### 3. Resultados:

#### 3.1. Apresentação dos resultados:

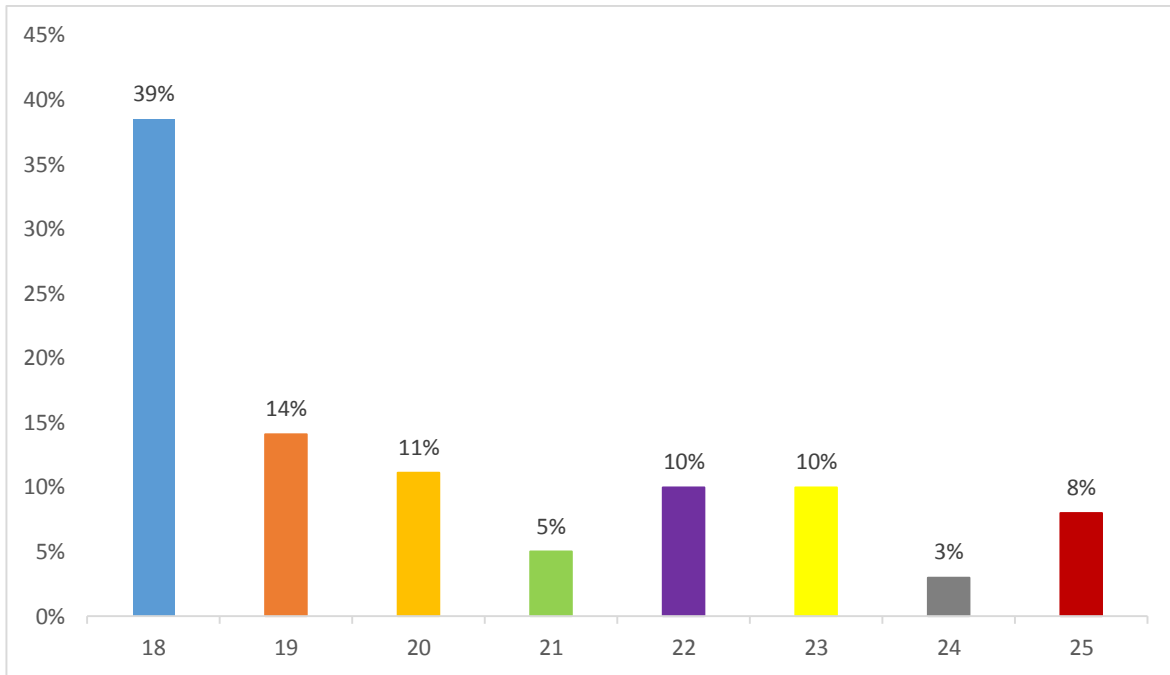
##### 3.1.1. Apresentação dos dados demográficos:

Inicialmente, realizou-se a análise dos dados demográficos dos participantes.



**Figura 1:** Caracterização dos participantes da investigação em termos da sua distribuição quanto ao gênero

Constatou-se que dos 135 participantes, 119 são do gênero feminino (88%) e 16 são do gênero masculino (12%).



**Figura 2:** Caracterização dos participantes da investigação em termos da sua distribuição face à idade.

No que diz respeito à idade, a idade dos participantes em estudo varia entre os 18 e os 25 anos.

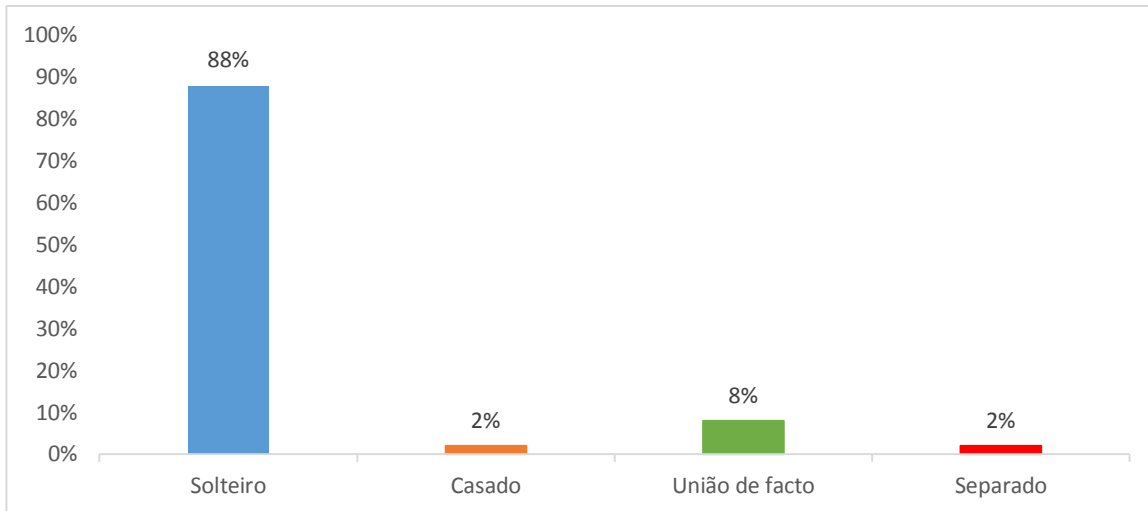
Existe um maior número de participantes com 18 anos (52 participantes), o que corresponde a uma percentagem de 39%.

Seguidamente, 19 participantes (14%) têm 19 anos e 15 participantes (11%) têm 20 anos.

As idades de 22 e 23 anos têm valores idênticos, e representam cada uma 10% dos participantes (13 participantes).

A idade de 25 anos, corresponde a uma percentagem de 8% (11 participantes).

A menor percentagem de participantes corresponde às idades 21 e 24 anos. A idade de 21 anos, corresponde a 5% da amostra (7 participantes) e a idade de 24 anos, corresponde a 3% da amostra (5 participantes).

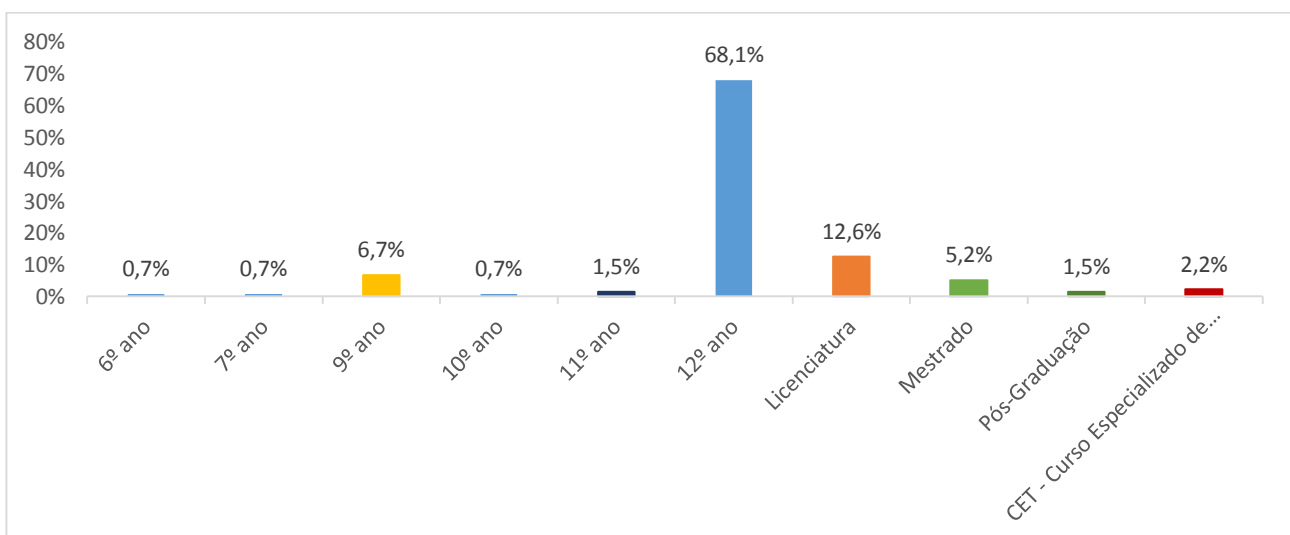


**Figura 3:** Caraterização dos participantes da investigação em termos da sua distribuição face ao estado civil.

Em relação ao estado civil, a maioria dos participantes em estudo (119 participantes) encontram-se solteiros (88%).

Seguidamente, 8% dos participantes (11 participantes) estão em uma união de facto.

Os menores valores de percentagem, correspondem aos participantes que são casados (2%) e aos participantes separados (2%).



**Figura 4:** Caraterização dos participantes da investigação em termos da sua distribuição face às habilitações académicas

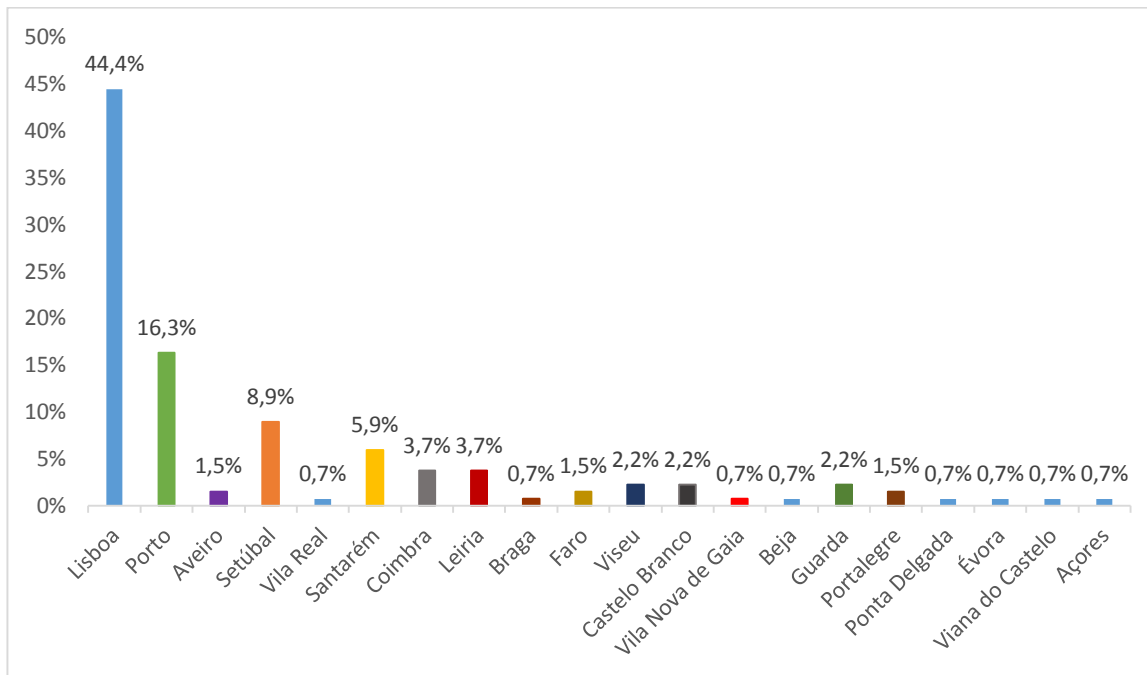
Relativamente às habilitações académicas, existe um maior número de participantes (92 participantes) com o 12º ano, o que corresponde a uma percentagem de 68,1%.

12,6% dos participantes (17 participantes) têm uma Licenciatura. 6,7% (9 participantes) têm o 9ºano e 5,2% dos participantes (7 participantes) têm um Mestrado.

Seguidamente, 2,2% dos participantes (3 participantes), têm um CET (Curso Especializado de Tecnologia).

O 11º ano e a Pós-Graduação apresentam valores idênticos, cada um corresponde a uma percentagem de 1,5% (2 participantes cada).

Os menores valores de percentagem correspondem aos participantes que possuem o 6ºano, 7ºano e o 10ºano. Cada um destes anos corresponde a 1 participante, o que corresponde uma percentagem de 0,7%.



**Figura 5:** Caracterização dos participantes da investigação em termos da sua distribuição face à Naturalidade

Todos os participantes em estudo são de nacionalidade Portuguesa. Os participantes em estudo encontram-se distribuídos por vários distritos (Lisboa, Porto, Aveiro, Setúbal, Vila Real, Santarém, Coimbra, Leiria, Braga, Faro, Viseu, Castelo Branco, Vila Nova de Gaia, Beja, Guarda, Portalegre, Évora, Viana do Castelo, Açores).

Os distritos com mais participantes são Lisboa com 60 participantes (44,4%) e o Porto com 22 participantes (16,3%).

Seguidamente, 12 participantes (8,9%) pertencem ao distrito de Setúbal e 8 participantes (5,9%) pertencem ao distrito de Santarém.

Os distritos de Coimbra e Leiria apresentam valores idênticos. Cada um apresenta uma percentagem de 3,7%, o que corresponde a 5 participantes.

Os distritos de Viseu, Castelo Branco e Guarda também apresentam valores idênticos. Cada um apresenta uma percentagem de 2,2%, o que corresponde a 3 participantes.

Também os distritos de Aveiro, Faro e Portalegre apresentam a mesma percentagem de participantes (1,5%), o que corresponde a 2 participantes.

Os distritos com menor número de participantes são Vila Real, Braga, Vila Nova de Gaia, Beja, Ponta Delgada, Évora, Viana do Castelo e Açores. Cada um destes distritos contou com a participação de 1 participante, o que corresponde a uma percentagem de 0,7%.

### 3.1.2. Taxa de prevalência de abusos sexuais de crianças:

Relativamente aos dados obtidos, de acordo, com o “Childhood Sexual Experiences Questionnaire” (CSEQ), obteve-se uma taxa de prevalência de abusos sexual de crianças de 23%, o que significa que 31 participantes deste estudo foram abusados sexualmente antes dos 11 anos.



**Figura 6:** Prevalência de abusos sexuais de crianças em relação ao género

Realizando uma análise em relação ao género, constatou-se uma prevalência de abusos sexuais de crianças de 19,3% no género feminino, o que corresponde a 26 participantes e uma taxa

de prevalência de abusos sexuais de crianças de 3,7% no gênero masculino, o que corresponde a 5 participantes.

### 3.1.3. Ligação da criança com o agressor:

Relativamente à ligação da criança com o agressor (Tabela 5), pode observar-se que a maioria dos agressores são “Pessoa conhecidas, mas não amigas” (19,4%) e “Estranhos” (19,4%). Cada um destes itens, foram identificados por 6 participantes.

Seguidamente, o agressor “Amigo”, foi identificado por 5 participantes, o que corresponde a uma percentagem de 16,1%.

O agressor “Primo/a”, foi identificado por 3 participantes, correspondendo a uma percentagem de 9,7%.

Os agressores “Irmão”, “Padrasto” e “Treinador/a” apresentam valores idênticos. Cada um corresponde a uma percentagem de 6,5%, o que significada que cada um destes tipos de agressores foram identificados por 2 participantes.

Os agressores menos frequentes são “Pai”, “Tio”, “Vizinho/a”, “Cunhado/a” e “Amigo dos pais”. Cada um destes agressores, foi identificado por 1 participante, o que corresponde a uma percentagem de 3,2%.

Tabela 3: Ligação da criança com o agressor

|                                 | <b>Frequência</b> | <b>Percentagem (%)</b> |
|---------------------------------|-------------------|------------------------|
| Estranho                        | 6                 | 19,4%                  |
| Pessoa Conhecida, mas não amiga | 6                 | 19,4%                  |
| Amigo                           | 5                 | 16,1%                  |
| Primo/a                         | 3                 | 9,7%                   |
| Irmão                           | 2                 | 6,5%                   |
| Pai                             | 1                 | 3,2%                   |
| Padrasto                        | 2                 | 6,5%                   |
| Tio                             | 1                 | 3,2%                   |
| Treinador/a                     | 2                 | 6,5%                   |
| Amigo/a dos pais                | 1                 | 3,2%                   |

|           |   |      |
|-----------|---|------|
| Cunhado/a | 1 | 3,2% |
| Vizinho/a | 1 | 3,2% |

Constatou-se neste estudo, que quando dividimos o tipo de agressor em duas categorias (“Familiar” e “Não Familiar”), podemos observar (Tabela 6) que a maioria dos agressores pertencem à categoria “Não Familiar” (67,8%).

Tabela 4: Ligação da criança com o agressor, dividido pelas categorias “Familiar” e “Não familiar”.

| <b>Familiar</b> |              | <b>Não Familiar</b>             |              |
|-----------------|--------------|---------------------------------|--------------|
| Pai             | 3,2%         | Estranho                        | 19,4%        |
| Tio             | 3,2%         | Pessoa conhecida, mas não amiga | 19,4%        |
| Padrasto        | 6,5%         | Amigo                           | 16,1%        |
| Primo/a         | 9,7%         | Treinador/a                     | 6,5%         |
| Cunhado/a       | 3,2%         | Amigo/a dos pais                | 3,2%         |
| <b>Total</b>    | <b>25,8%</b> | <b>Total</b>                    | <b>67,8%</b> |

Constatou-se também que se dividirmos o agressor em três categorias (“Estranho”, “Familiar”, “Conhecidos), que o agressor mais frequente é “Conhecido”, isto é, o agressor é alguém conhecido pela criança, com uma percentagem de 48,4%.

Seguido do agressor “Familiares”, isto é, o agressor é um familiar da criança, com uma percentagem de 25,8%.

O agressor menos frequente foi “Estranhos”, com uma percentagem de 19,4%.

Tabela 5: Ligação da criança com o agressor, dividido por três categorias: “Estranho”, “Familiar”, “Conhecido”

| <b>Estranhos</b> | <b>Familiares</b> | <b>Conhecidos</b> |
|------------------|-------------------|-------------------|
| 19,4%            | 25,8%             | 48,4%             |

### 3.1.4. Situações de abuso sexual:

Constatou-se neste estudo, que o tipo de situações (Tabela 8), mais frequentemente identificadas pelos participantes foram os itens: “Ser apalpado por cima da roupa” (94%) e “Alguém lhe mostrar os genitais” (74,2%).

Os itens “Convite ou pedido para fazer algo sexual ou falar sexualmente” e “Alguém tocar nos seus órgãos genitais”, também foram identificados por bastantes participantes (64,6% e 61,3%, respetivamente).

Os itens com menos identificados foram: “Alguém tentar envolve-lo em sexo anal (incluindo tentativas sem sucesso” (25,8%) e “Ser envolvido em abusos com rituais de natureza satânica ou outros, ou tortura sexual” (6,4%).

Tabela 6: Percentagem de respostas por questão

| Questões  | Percentagem (%) |
|---|-----------------|
| Convite ou pedido para fazer algo sexual ou falar sexualmente               | 64,6%           |
| Beijar e abraçar de forma sexual  | 51,6%           |
| Alguém lhe mostrar os genitais  | 74,2%           |
| Mostrar os genitais a alguém  | 54,8%           |
| Ser apalpado por cima da roupa  | 94%             |
| Apalpar alguém por cima da roupa  | 38,7%           |
| Alguém tocar nos seus órgãos genitais                                       | 61,3%           |
| Tocar nos órgão genitais de alguém  | 38,7%           |
| Simular uma relação sexual por cima da roupa                                | 48,4%           |
| Masturbar alguém ou ser envolvido na masturbação de alguém                  | 45,1%           |
| Simular uma relação sexual por baixo da roupa (por exemplo, sem penetração) | 35,6%           |
| Contato oral de uma outra pessoa com os seus genitais                       | 35,5%           |
| Contato oral com os órgãos genitais de outra pessoa                         | 35,6%           |
| Ser penetrado com os dedos ou com um objeto                                 | 38,7%           |

|   |       |
|---|-------|
| Alguém tentar envolvê-lo em sexo anal (incluindo tentativas sem sucesso)              | 25,8% |
| Ser envolvido em abusos com rituais de natureza satânica ou outros, ou tortura sexual | 6,4%  |

---

### **3.1.5. Idade de ocorrência do abuso e idade de término do abuso:**

Em relação à idade de ocorrência do abuso, esta varia entre os 5 e os 10 anos, sendo a idade média de 8,94 anos.

Em relação à idade de término do abuso, a idade média é de 10,19 anos.

### **3.1.6. Idade do agressor:**

Relativamente à idade do agressor, esta varia entre os 10 e os 68 anos. Sendo a idade mais frequente os 25 anos (2,2%). Sendo que a média de idades é de 27,32 anos.

## **3.2. Análise dos resultados:**

### **3.2.1. Taxa de prevalência de abusos sexual de crianças:**

A prevalência de abusos sexuais de crianças tem sido estudada em diversos países, em todo o Mundo. Na Tabela 8, pode observar-se a prevalência de abusos sexuais de crianças em diferentes países já citadas na parte teórica do estudo.

Tabela 7: Taxas de prevalência de abusos sexuais de crianças na presente investigação e em investigações realizadas em diversos países

| Autor                                     | País          | Prevalência (%) |        |
|---|---------------|-----------------|--------|
|   |               | Mulheres        | Homens |
| Presente investigação                     | Portugal      | 19,3            | 3,7    |
| Figueiredo et all (2004)                  | Portugal      | 2,7             | 2,6    |
| Finkelhor, Hotaling, Lewis & Smith (1999) | EUA           | 27              | 16     |
| Briere & Elliot (2003)                    | EUA           | 32,3            | 22,1   |
| Huston, Parra, Prihoda & Foulds (1995)    | EUA           | 86              | 14     |
| Oaksford & Frude (2001)                   | Reino Unido   | 13,14           |        |
| Madu & Peltzer (2001)                     | África do Sul | 53,2            | 60     |
| Goldman & Padayachi (1997)                | Australia     | 45              | 19     |
| Karayianni et all (2017)                  | Chipre        | 80              | 21     |
| Hébert et all (2009)                      | Canada        | 32,3            | 9,7    |
| Pineda-Lucatero & all (2008)              | México        | 58              | 42     |

Nesta investigação, obteve-se uma prevalência de abusos sexuais de crianças de 23%.

Em relação ao género, obteve-se uma prevalência de abuso sexual no género feminino de 19,3% e uma prevalência de abusos sexuais de crianças no género masculino de 3,7%.

Desta forma, constata-se que a prevalência de abusos sexual é superior no género feminino, o que vai ao encontro da literatura em geral e da maioria do estudos da Tabela 8. Esta diferença entre géneros pode dever-se a diversas razões. Pode dever-se à metodologia utilizada e ao fato dos estudos de prevalência de abusos sexuais de crianças terem um maior número de participantes do género feminino. O fato do género masculino ter baixas prevalências de abusos sexuais de crianças pode também dever-se ao fato dos rapazes não confessarem o abuso, pelo medo, pela vergonha ou até pelos

estereótipos em relação ao papel do homem, como alguém que é agressor e não é a vítima criados pela comunidade. Tudo isto pode justificar as diferenças entre géneros e pode significar que a prevalência de abusos sexuais de crianças encontrada no género masculino não corresponda à realidade.

Por outro lado, a prevalência de abuso sexual no género masculino encontrada nesta investigação (3,7%) aproxima-se da encontrada no estudo de Figueiredo et al (2004), (2,6%), realizado em Portugal. Esta semelhança, encontrada no género masculino pode significar que é algo demográfico.

Através da Tabela 8, podemos observar que comparativamente a presente investigação não se aproxima de nenhuma investigação em particular, porém os resultados encontrados nesta investigação não são muito diferentes aos encontrados na literatura e nos estudos da Tabela 8.

Apesar da diferença de valores na prevalência por género entre esta investigação e as investigações da Tabela 8, os valores encontrados na presente investigação são valores aceitáveis, uma vez que como referido por diversos estudos, o intervalo de prevalência no género feminino varia de 7% a 62% e o intervalo de prevalência no género masculino varia de 4% a 31%. É também possível constatar-se que as prevalências de abuso sexual encontradas nesta investigação vão ao encontro das metas-análises de Stoltenborgh, Ijzendoorn, Euser & Bakermans-Kranenburg (2011) e Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito (2009), que encontraram uma prevalência de 18% no género feminino e de 8% no género masculino.

Por outro lado, as investigações que mais se afastam da presente investigação são, a investigação de Madu & Peltzer (2001) realizada na África do Sul, a investigação de Karayianni et al (2017) realizada no Chipre e a investigação realizada por Huston, Parra, Prihoda & Foulds (1995) realizada nos EUA.

Comparativamente com o estudo português, a presente investigação obteve taxas de prevalência de abuso sexual superiores, especialmente no género feminino. Esta discrepância entre estas duas investigações, pode dever-se a diversos fatores. Por exemplo, o estudo de Figueiredo et al (2004), concentrou-se numa amostra de apenas uma região do país, enquanto que a presente investigação obteve uma amostra mais dispersa com participantes de diversos distritos. Outra diferença, entre estas duas investigações diz respeito às questões metodológicas. A presente investigação utilizou questionários online preenchidos pelos próprios participantes e só eles tinham acesso às suas respostas, por outro lado a investigação de Figueiredo et al (2004), apesar de também ter utilizado questionários, estes antes de serem entregues aos investigadores para serem analisados,

passavam pelos filhos e pelos professores destes, isto é, os participantes respondiam aos questionários e estes eram depois entregues aos filhos e estes entregavam aos professores para entregarem posteriormente aos investigadores. Este processo pode ter provocado algum receio e alguma desconfiança por parte dos pais, pelo medo das suas respostas serem vistas por outros, o que pode ter feito com que não respondessem aos questionários com sinceridade.

Desta forma, as diferenças encontradas nas diferentes investigações de prevalência de abuso sexual podem dever-se à metodologia utilizada, à definição de abuso sexual utilizada, ao método da recolha de dados e também a razões culturais.

### **3.2.2. Ligação da criança com o agressor:**

Ao analisar-se a ligação da criança com o seu agressor segundo duas categorias “Familiar” e “Não familiar”, observa-se que 25,8% das crianças sofreram o abuso sexual por parte de algum familiar. Por outro lado, 67,8% das crianças sofreram o abuso sexual por parte de agressores que não fazem parte do seu núcleo familiar. Dentro dos agressores familiares, o agressor mais identificado, foi “Primo” (9,7%). Nos agressores não familiares, o agressor mais identificado, foi “Pessoa conhecida, mas não amiga” (19,4%) e “Estranho” (19,4%).

Ao analisar-se a ligação da criança segundo três categorias “Estranho”, “Conhecidos”, “Familiares”, verifica-se que a percentagem de agressores “Estranhos” é de 19,4%, a percentagem de agressores “Conhecidos” é de 48,4% e a percentagem de agressores “Familiares” é de 25,8%. Estes resultados encontrados vão ao encontro da investigação de Oaksford & Frude (2001), que obtiveram uma maior percentagem de abusos por agressores fora do núcleo da criança.

Por outro lado, os resultados encontrados nesta investigação contrastam com os resultados encontrados na maioria das investigações que obtiveram uma maior percentagem de abusador familiares do que não familiares, como a investigação de Briere & Elliot (2003).

Desta forma, o fato dos resultados desta investigação demonstraram uma maior percentagem de agressores Não Familiares da criança, ao contrário das investigações em geral, pode dever-se a uma diferença demográfica, porém isto não pode ser comprovado devido à falta de investigações de abusos sexuais de crianças em Portugal.

### **3.2.3. Situações de abuso sexual:**

Como podemos observar na Tabela 6, as situações de abuso sexual mais identificadas pelos participantes foram: “Ser apalpado por cima da roupa” (94%) e “Alguém lhe mostrar os órgãos genitais” (74,2%).

Desta forma, o tipo de situação de abuso sexual sem contato físico mais frequente foi “Alguém lhe mostrar os genitais” e o tipo de situação de abuso sexual com contato físico mais frequente foi “Ser apalpado por cima da roupa”.

Os resultados obtidos de uma elevada percentagem do item “Alguém lhe mostrar os genitais” vai encontro dos resultados encontrados por Goldman & Padayachi (1997), que referem na sua investigação uma percentagem mais elevada de exibicionismo.

Os itens menos identificados pelos participantes foram: “Alguém tentar envolve-lo em sexo anal” e “Ser envolvido em abusos com rituais de natureza satânica ou outros, ou tortura sexual”, estes resultados são similares aos resultados encontrados na literatura.

### **3.2.4. Idade da ocorrência do abuso e idade de término do abuso:**

No que diz respeito à idade de ocorrência do abuso, esta varia entre os 5 e os 10 anos de idade, sendo a idade média de ocorrência do abuso de 8,94 anos.

Perante estes resultados, pode-se concluir que os abusos ocorridos nesta investigação ocorreram entre os 8,94 anos e os 10,19 anos. Este intervalo de idades, aproxima-se do intervalo de idades dos 7 aos 12 anos descrito por Finkelhor, Hotaling, Lewis & Smith (1990), do intervalo de idades (5 aos 10 anos), descrito por Pineda-Lucatero & all (2008) e do intervalo de idades (7 aos 12 anos) descrito por Goldman & Padayachi (1997).

Desta forma, como podemos observar, é idade mais comum das crianças sofrerem algum tipo de abuso sexual é por volta dos 5 aos 12 anos. Isto pode dever-se à criança encontrar-se nesta altura mais suscetível e vulnerável ao poder e à autoridade dos adultos. Pode também dever-se ao fato da criança nesta altura ser ainda muito imatura, o que vai fazer com que possa não ser capaz de revelar o abuso.

### 3.2.5. Idade do agressor:

Relativamente à idade do agressor, os resultados desta investigação demonstraram que esta varia entre os 10 e os 68 anos e que a idade média do agressor é de 27,32 anos.

Desta forma, os resultados encontrados são semelhantes dos resultados encontrados por Oaksford & Frude (2001), que constataram que a idade do agressor varia entre os 12 e os 70 anos, sendo a média de idade de 26 anos. Aos resultados encontrados por Finkelhor, Hotaling, Lewis & Smith (1990), que constataram que a maioria dos agressores tinha mais de 10 anos em relação à vítima. E aos resultados encontrados na investigação de Goldman & Padayachi (1997), que constataram que a maioria dos agressores tinham menos de 40 anos.

O fato do agressor ter uma idade de pelo menos 10 anos superior à criança, pode dever-se ao fato de a criança encontrar-se numa etapa mais vulnerável, o que faz como que ao agressor por ser mais velho ser capaz de manipular a criança, devido ao poder que exerce sobre ela.

## 4. Discussão:

A presente investigação teve como objetivo o estudo da prevalência de abusos sexuais de crianças na população portuguesa.

Desta forma, em relação à primeira questão de investigação desta investigação (Será que a prevalência de abusos sexuais de crianças na população portuguesa é similar à prevalência de abusos sexuais de crianças encontrada na literatura em geral?), é possível verificar-se que através da análise dos resultados obtidos que foi obtida uma prevalência de abusos sexual de crianças de 23% na população portuguesa, o que representa uma frequência de 31 participantes, numa amostra total de 135 participantes.

A prevalência de abusos sexuais de crianças encontrada nesta investigação vai ao encontro das prevalências de abusos sexuais de crianças encontradas na literatura em geral. Porém, uma comparação entre investigações realizadas em Portugal que estudem a prevalência de abusos sexuais de crianças, apenas é possível de ser realizada com uma investigação, uma vez que não existem mais estudos realizados em Portugal sobre este tema. Desta forma, ao compararmos a presente investigação com a outra investigação realizada em Portugal (investigação de Figueiredo et al, 2004), podemos observar que a prevalência encontrada nesta investigação é superior (Presente investigação – 23%, estudo de Figueiredo et al, 2004 – 2,6%). As diferenças encontradas entre estes dois estudos podem

se dever a diversos fatores, como o diferente procedimento utilizado, o sítio onde a amostra foi recolhida. Isto significa que em duas investigações realizadas em Portugal, os resultados entre elas são muito diferentes, o que faz com que seja fundamental a existência de mais investigações sobre este tema.

No que diz respeito à segunda questão de investigação (Será que existem diferenças de género referentes à prevalência de abusos sexuais de crianças?), é possível observar-se na Figura 6, que a prevalência de abusos sexuais de crianças no género feminino é de 19,3% e a prevalência de abusos sexuais de crianças no género masculino é de 3,7%. Assim, a prevalência de abusos sexuais de crianças é superior no género feminino em comparação com o género masculino, o que vai ao encontro dos resultados encontrados na literatura em geral.

Nomeadamente às restantes variáveis avaliadas nesta investigação, a maioria vão ao encontro da literatura. Em relação à idade de ocorrência de abuso e a idade de fim de abuso, os resultados demonstraram que o abuso sexual ocorreu entre os 8,94 anos e os 10,19 anos, este intervalo de idades é semelhante ao intervalo de idades encontrado por diversos autores (Finkelhor, Hotaling, Lewis & Smith, 1990; Pineda-Lucatero & all, 2008; Goldman & Padayachi, 1997). Relativamente à idade do agressor, os resultados desta investigação demonstraram que a idade média é de 27,32 anos, ou seja, o agressor tem pelo menos mais 10 anos do que a vítima, este resultado é confirmado por outras investigações (Oaksford & Frude, 2001; Finkelhor, Hotaling, Lewis & Smith, 1990).

Apesar de a maior parte das variáveis desta investigação ir ao encontro da literatura, o mesmo não acontece com os resultados obtidos ao analisar-se a ligação da criança com o agressor. Na presente investigação a maior percentagem de agressores são agressores conhecidos pela criança ou agressores estranhos à criança, o que não acontece na literatura em geral, onde é possível observar-se que na maior parte das investigações o agressor é familiar da criança.

A presente investigação apresenta algumas limitações como o tamanho da amostra e ao fato da amostra maioritariamente ser constituída por mulheres e também por este ser um estudo retrospectivo, o que pode levar a que existam distorções na memória ou que possa analisar o acontecimento ocorrido na sua infância agora de uma outra forma. Apesar da presente investigação apresentar algumas limitações, esta é uma investigação inovadora em Portugal e que pretende chamar a atenção de outros investigadores para o fenómeno do abusos sexuais de crianças. Pretende-se com esta investigação que outras investigações de realizem.

Seria assim interessante importante, a realização de investigações sobre esta temática e que estas investigações sejam representativas da população portuguesa.

Seria também interessante a replicação da presente investigação, mas com uma amostra aleatória e com a introdução de novas variáveis, como o género do agressor, a denúncia ou não do abuso e as consequências que o abuso teve na vida da criança a diversos níveis.

Seria importante, a realização de uma investigação que combinasse métodos, como o uso de questionário e da entrevista em simultâneo, o que levaria a resultados mais ricos.

Considera-se também importante a criação de um instrumento de abusos sexuais de crianças para a população portuguesa ou a validação de um instrumento já existente de abusos sexuais de crianças, mas adaptado à população portuguesa.

Podemos assim concluir que o abusos sexuais de crianças não é algo tão raro e tão pouco frequente como se pode pensar, mas sim um fenómeno que tem vindo a aumentar, o que se torna preocupante e torna necessário a criação de informações claras e precisas sobre este tema e que sejam realizadas mais investigações que estudem este tema.

## 5. Referências Bibliográficas:

- Ajduković, M., Sušac, N., & Rajter, M. (2013). Gender and age differences in prevalence and incidence of child sexual abuse in Croatia. *Croatian medical journal*, 54(5), 469-479.
- Altman, D. R. (2005). *The effects of childhood sexual abuse on adult male attachments in close relationships* (Doctoral dissertation, Texas A&M, University).
- Batool, S. S., & Abtahi, A. (2017). Psychological Impact of Childhood Sexual Abuse: Perspective of Victims. *Journal Of Arts & Social Sciences*, 4(2), 36-48.
- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological methods & research*, 10(2), 141-163.
- Briere, J., Elliot, D.M. (2003). Prevalence and psychological sequelae of self-reported childhood physical and sexual abuse in general population sample of men and women. *Child Abuse & neglect*, 27(10), 1205-1222.
- Browne, A., & Finkelhor, D. (1986). Impact of child sexual abuse: A review of the research. *Psychological bulletin*, 99(1), 66.
- Chen, J., Dunne, M. P., & Han, P. (2004). Child sexual abuse in China: a study of adolescents in four provinces. *Child Abuse and Neglect*, 28(11), 1171-1186.
- Collin-Vézina, D., Daigneault, I., & Hébert, M. (2013). Lessons learned from child sexual abuse research: prevalence, outcomes, and preventives strategies.
- Figueiredo, B., Bifulco, A., Paiva, C., Maia, Â., Fernandes, E., & Matos, R. (2004). History of childhood sexual abuse in portuguese parentes. *Child Abuse & Neglect*, 28(6), 669-682.
- Finkelhor, D. (1987). The trauma of child sexual abuse: Two models. *Journal of Interpersonal Violence*, 2, 348-366.

- Finkelhor, D., Araji., S. (1986). *A sourcebook on child sexual abuse*. Sage.
- Finkelhor, D. (1994). Current Information on the Scope and Nature of Child Sexual Abuse. *The future of children*
- Finkelhor, D. (2009). The prevention of childhood sexual abuse. *The future of children*, 19(02), 169-194.
- Goldman, J. D., & Padayachi, U. K. (1997). The prevalence and nature of child sexual abuse in Queensland, Australia. *Child Abuse and Neglect*. 21(5), 489-498.
- Haugaard, J. J. (2000). The challenge of defining child sexual abuse. *American Psychologist*, 55(9), 1036.
- Hébert, M., Tourigny, M., Cyr, M., McDuffy, P., & Joly, J. (2009). Prevalence of childhood sexual abuse and timing of disclosure in a representative sample of adults from Quebec. *Canadian journal of psychiatry. Revue canadienne de psychiatrie*, 54(9), 631-636.
- Huston, R. L., Parra, J. M. Prihoda, T. J., & Foulds, D. M. (1995). Characteristics of childhood sexual abuse in a predominantly Mexican-American population. *Child Abuse & Neglect*, 19(2). 165-176.
- Karayianni, E., Fanti, K. A., Diakidoy, I. A., Hadijicharalambous, M. Z., & Katsimicha, E. (2017). Prevalence, contexts, and correlates of child sexual abuse in Cyprus. *Child Abuse and Neglect*, 66. 41-52.
- Madu, S. N., & Peltzer, K. (2001). Prevalence and Patterns of Child Sexual Abuse and Victim-Perpetrator Relationship among Secondary School Students in the Northern Providence (South Africa). *Archives of sexual Behaviour*, 30(3).
- Maria, S., & Ornelas, J. (2010). O papel da comunidade na prevenção dos abusos sexuais de crianças (ASC). *Análise Psicológica*, 28(3), 411-436.

- Oaksford, K. L., & Frude, N. (2001). The prevalence and nature of child sexual abuse: evidence from a female university sample in the UK. *Child Abuse Review*, 10(1), 49-59.
- Pereda, N., Guilera, G., Forns, M., & Gómez-Benito, J. (2009). The prevalence of child sexual abuse in community and student samples. A meta-analysis. *Clinical psychology review*, 29(4), 328-338.
- Pineda-Lucatero, A., Trujillo-Hernández, B., Millán, R., Vásquez, C. (2008). Prevalence of childhood sexual abuse among Mexican adolescents. *Child: care, health and development*, 35(2), 184-189.
- Sanderson, C. (2006). *Counselling adult survivors of child sexual abuse*. Jessica Kingsley Publishers.
- Stoltenborgh, M., Van Ijzendoorn, M. H., Euser, E. M., & Bakermans –Kranenburg, M. J. (2011). A global perspective on child sexual abuse: meta-analysis of prevalence around the world. *Child maltreatment*, 16(2), 79-101.
- Thomas, S. P., Philips, K., Carlson, K., Shieh, E., Cabage, L., & Worley, J. (2013). Childhood experiences of perpetrators of child sexual abuse. *Perspectives in psychiatric care*, 49(3), 187-201.
- Yüce, M., Karabekiroğlu, K., Yildirim, Z., Şahin, S., Sapmaz, D., Babadaği, Z., ... & Aydın, B. (2015). The Psychiatric Consequences of Child and Adolescent Sexual Abuse. *Noro psikiyatri arsivi*, 52(4), 393-399.
- Wurtele, S. K. (2002). School-based child sexual abuse prevention. In *Preventing violence in relationships: Interventions across the life span*. American Psychological Association. 9-25.
- Wurtele, S. (2009). Child Sexual Abuse Prevention, Prevention Sexual Abuse of Children in the Twenty-First Century: Preparing for Challenges and Opportunities. *Journal of Child Sexual Abuse*, 18, 1-18.

## **6. Anexos**

**Anexo A:** Consentimento informado:

**Consentimento de participação no estudo:**

Venho pedir a sua colaboração na construção de um projeto de investigação inserido no Mestrado Integrado em Psicologia Clínica no ISPA-IU.

Este estudo é sobre a ocorrência ou não de abusos sexuais de crianças, antes dos 11 anos.

Apenas pode responder ao questionário se tiver entre os 18 e os 25 anos.

As suas respostas são anónimas e confidenciais. É importante que responda a todas as perguntas com honestidade.

Este questionário demorará cerca de 10 minutos.

Ao continuar, aceita colaborar voluntariamente nesta investigação.

Poderá interromper o preenchimento do questionário a qualquer momento.

**Anexo B: Questionário Demográfico.**

## Questionário Demográfico:

1. Idade (Assinale com um X)

18\_\_\_ 19\_\_\_ 20\_\_\_ 21\_\_\_ 22\_\_\_ 23\_\_\_ 24\_\_\_ 25\_\_\_

2. Género (Assinale com um X)

M\_\_\_ F\_\_\_

3. Estado civil (Assinale com um X)

Solteiro \_\_\_ Casado \_\_\_ União de facto \_\_\_ Separado \_\_\_ Viúvo \_\_\_ Divorciado \_\_\_

4. Qual a sua nacionalidade? \_\_\_\_\_

5. Qual a sua naturalidade? \_\_\_\_\_

6. Quais as suas habilitações académicas? \_\_\_\_\_

**Anexo C:** Questionário de situações sexuais infantis – Tradução do Childhood Sexual Experiences Questionnaire de Altman (2005).

**Questionário de situações sexuais infantis:**

Assinale com que frequência estas situações lhe aconteceram antes dos 11 anos.

|   | Não tenho a certeza | Nunca | Raramente | Às vezes | Frequentemente | Muito Frequentemente |
|---|---------------------|-------|-----------|----------|----------------|----------------------|
| 1. Convite ou falar de algo sexual  |                     |       |           |          |                |                      |
| 2. Beijar ou abraçar de uma forma sexual  |                     |       |           |          |                |                      |
| 3. Alguém lhe mostrou os genitais   |                     |       |           |          |                |                      |
| 4. Mostrar os genitais a alguém   |                     |       |           |          |                |                      |
| 5. Ser apalpado por cima da roupa   |                     |       |           |          |                |                      |
| 6. Apalpar alguém por cima da roupa   |                     |       |           |          |                |                      |
| 7. Alguém tocar nos seus órgão genitais   |                     |       |           |          |                |                      |
| 8. Tocar nos órgão genitais de alguém   |                     |       |           |          |                |                      |
| 9. Experimentar relação sexual por cima da roupa                                      |                     |       |           |          |                |                      |
| 10. Masturbar alguém ou ser envolvido na masturbação de alguém                        |                     |       |           |          |                |                      |
| 11. Experimentar uma relação sexual por baixo da roupa (por exemplo: sem penetração). |                     |       |           |          |                |                      |

|  |  |  |  |  |  |  |
|--|--|--|--|--|--|--|
| 12. Alguém ter contato com os seus órgãos genitais                             |  |  |  |  |  |  |
| 13. Ter contato com os órgãos genitais de alguém                               |  |  |  |  |  |  |
| 14. Ser penetrado com os dedos ou com um objeto                                |  |  |  |  |  |  |
| 15. Ser envolvido ou tentativa de envolvê-lo em relações sexuais anais         |  |  |  |  |  |  |
| 16. Ser envolvido em abusos com rituais satânicos ou outros, ou tortura sexual |  |  |  |  |  |  |

Quem era/eram para si a(s) pessoa(s) que protagonizaram as situações acima identificadas?

Estranho \_\_\_\_

Avô \_\_\_\_

Pessoa Conhecida, mas não amiga \_\_\_\_

Avó \_\_\_\_

Amigo \_\_\_\_

Padrasto \_\_\_\_

Sobrinho (a) \_\_\_\_

Madrasta \_\_\_\_

Primo (a) \_\_\_\_

Meio-irmão \_\_\_\_

Irmão \_\_\_\_

Meia-irmã \_\_\_\_

Irmã \_\_\_\_

Professor(a) \_\_\_\_

Pai \_\_\_\_

Treinador(a) \_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_

Conselheiro \_\_\_\_

Tio \_\_\_\_

Babysiter \_\_\_\_

Tia \_\_\_\_

Outro \_\_\_\_

No caso de ter respondido Outro, especifique: \_\_\_\_\_

Qual a idade dos perpetradores aquando o abuso? (Coloque o grau de proximidade referido na questão anterior e a idade da pessoa nessa altura) \_\_\_\_\_

Que idade tinha quando o abuso aconteceu? \_\_\_\_\_

Que idade tinha quando o abuso terminou? (No caso de ainda decoorer no presente coloque a sua idade atual) \_\_\_\_\_